

# Stadium

N.º 84 ★ 12 DE JULHO DE 1944

VER NESTE NUMERO

A segunda das reportagens gráficas  
sobre os clubes de futebol, referente ao

**SPORT LISBOA E BENFICA**

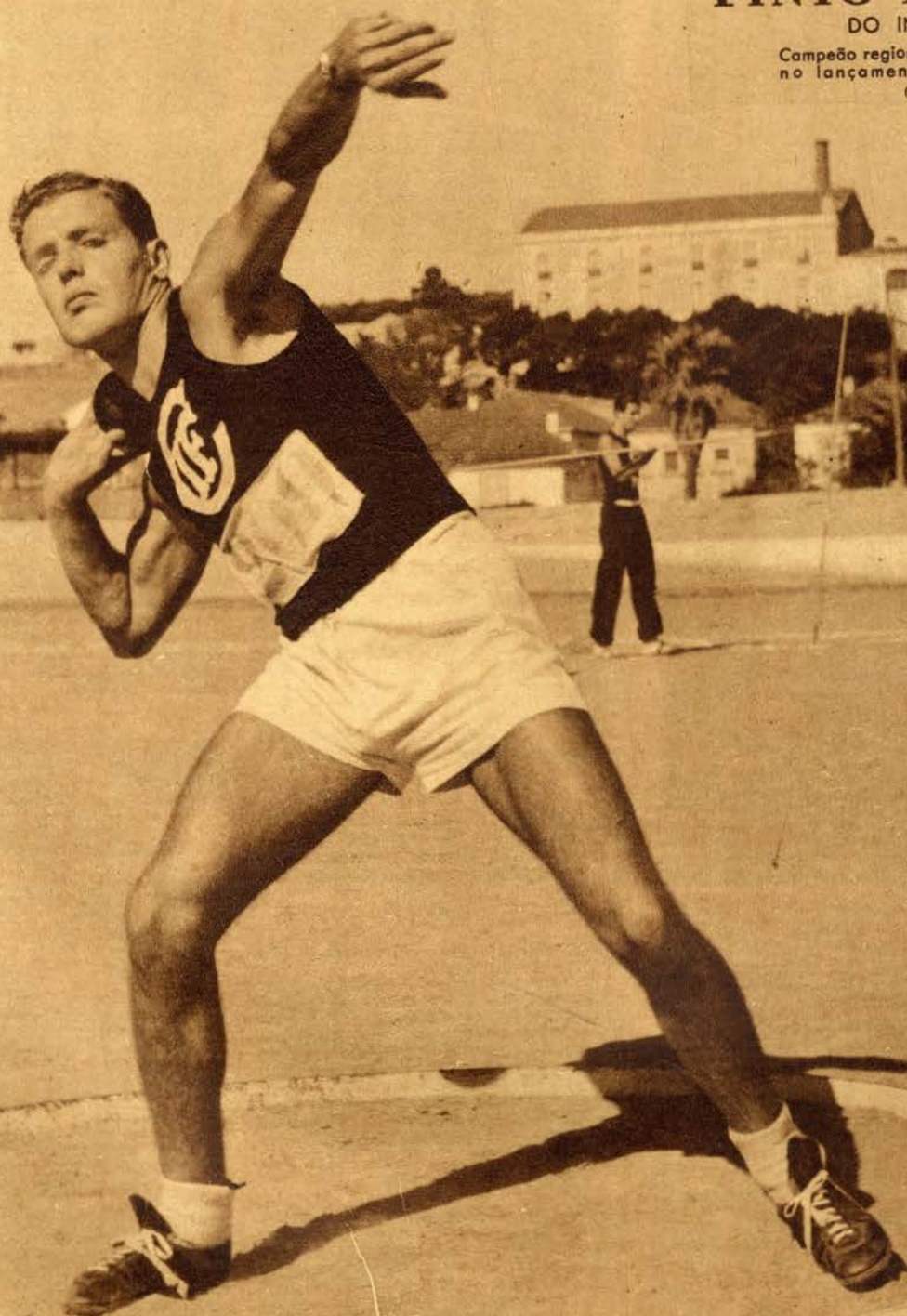
com a tricromia do respectivo «conze»

## PINTO BASTO

DO INTERNACIONAL

Campeão regional de júniores  
no lançamento do pêso

(Foto Nunes de Almeida)



1\$50



# A DISPUTA DO TORNEIO DE ESPADA

## da taça «Câmara Municipal de Lisboa» deve concluir hoje, no jardim do A. C. P.

CONFORME anunciámos, começou na penúltima segunda-feira o torneio da taça «Câmara Municipal de Lisboa», valioso troféu oferecido pelo Município da Capital à Federação Portuguesa de Esgrima.

Projectava-se destiná-lo a um torneio de carácter internacional, ideia que as circunstâncias do momento que passa obrigaram a pôr de parte. Para evitar que o referido troféu continuasse sem ser pôsto em disputa, a F. P. E. resolveu fazê-lo jogar numa competição por equipas, aberta a amadores e professores.

A prova, que tem sido efectuada no jardim do Automóvel Clube de Portugal, em quasi todas as sessões com a presença do sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, ilustre Director Geral dos Desportos, começou com o encontro entre as duas representações do Ginnásio Clube. A formação A, constituída por Jorge Oom, Carlos Dias, Veiga Ventura e Arsénio Cordeiro — quatro internacionais bateu, a equipe B, de que faziam parte Pimenta de Araújo, Luís de Oliveira, José Nogueira e Andrade Barreto, por 12-2 (2 assaltos nulos). Vitória fácil, como o resultado traduz, apesar do desequilíbrio registado nos primeiros combates. Salientaram-se J. Oom e C. Dias, que totalizaram vitórias. Marcha do encontro: G. C. P.-A: 0/0 (nulo), 1/0, 1/1, 2/1, 2/2, 3/2, 11/2, 11/2 (nulo) e 12/2.

Successivamente, disputaram-se os seguintes encontros:

Na mesma tarde:

**Sala Carlos Gonçalves** — (Herbert Santos, D. António de Almeida, Pinheiro Chagas e Emilio Lino), 8—**Centro de Esgrima** (Henrique da Silveira, João Sasseti, Vitor Tavares e Ruy Mayer), 7 (1 nulo): No desenrolar do «match» (S. A. C. G. — 1/1, 2/0, 2/1, 3/1, 3/2, 3/3, 4/3, 4/3 (nulo), 4/4, 5/4, 5/5, 6/5, 6/6, 7/6, 8/6 e 8/7) e embora pela tangente, verificou-se que os discípulos de Mestre Carlos Gonçalves obtiveram excelente vitória, conduzindo o encontro de forma que os seus fortes adversários não chegaram a usufruir vantagem. H. Santos e P. Chagas sofreram só as derrotas infligidas por H. Silveira — que por sua vez foi batido por A. Almeida e E. Lino, em tarde infeliz, nada fez. Nos outros elementos do C. N. E., devem sublinhar-se as más condições físicas em que jogou o conhecido internacional J. Sasseti — que voltou a comparecer com o seu sempre saliente espírito desportivo, mas sem poder sequer ir até os limites permitidos pela pouca preparação que lhe tem sido consentida ultimamente, por motivos de saúde. Idênticas circunstâncias impediram R. Mayer de atingir nível de resultados em harmonia com a sua comprovada classe.

Na terça-feira:

**Centro de Esgrima** (em cuja equipa Arménio Lopes substitui R. Mayer), 10—**Hockey Clube**, (Vasco Couto, José Pablo, João da Cruz e Fernando Pereira), 5 (1 nulo). Marcha do encontro: C. N. E. — 2/0, 2/0 (nulo), 2/1, 4/1, 4/2, 6/2, 6/3, 9/3, 9/4, 10/4 e 10/5. Vitória natural do Centro,

com saliência na exibição de Silveira, que melhorou nitidamente em relação ao encontro da tarde anterior. Os seus companheiros distribuíram equitativamente entre si as restantes 6 vitórias. Dos atradores do Hockey, F. Pereira esteve bem — com uma só derrota.

**Sala Carlos Gonçalves**, 10—**Ginnásio A**, 5 (1 nulo): Ambas as equipas se apresentam com a mesma formação. Depois de vencer o C. N. E., esta nova vitória da S. A. C. G. representou um passo decidido para 1.º lugar no torneio, pois a formação A do velho Ginnásio constitui um agrupamento de valor, mesmo tendo em consideração que nem todos os seus elementos estão convenientemente trabalhados. H. Santos e P. Chagas voltaram a ser os mais proveitosos, mas A. Almeida e E. Lino auxiliaram nos eficazmente. No Ginnásio, J. Oom bem, praticamente sem a coadjuvação dos companheiros, entre os quais C. Dias foi a sombra do atrador que nos habituámos a ver. Marcha do encontro: S. A. C. G. — 2/0, 2/1, 2/1 (nulo), 2/2, 3/2, 3/3, 4/3, 5/3, 5/4, 7/4, 7/5 e 10/5.

**Ginnásio B**, 10—**Hockey Clube** (com P. da Silva a substituir J. Pablo), 5 (1 nulo): Este encontro deu a surpresa da derrota do H. C. P., com a qual não se contava, em face da composição e da exibição anterior dos ginnastas. Deve dizer-se, porém, que o resultado está de acordo com o desenrolar do encontro, visto que os vencedores aproveitaram bem a pouca ins-

piração dos adversários, dos quais só Pinto da Silva obteve média normal de rendimento. Sequência do «match»: G. C. P. A — 3/0, 3/1, 4/1, 4/2, 4/3, 4/4, 5/4, 7/4, 7/4, (nulo), 8/4, 9/4, e 10/5.

O torneio prosseguiu na quinta-feira, com os seguintes encontros:

**Sala Carlos Gonçalves**, 8—**Hockey Clube**, 7 (1 nulo): O «match» de maior emoção... O Hockey, já recomposto do fracasso no dia anterior, atinge vantagem de início e chega a ter a margem favorável de 7/4. Depois perde o «elan» com que se batia e consente a recuperação dos adversários — que jogam por sua vez com patente vontade de manter a posição de favoritos. E conseguem-no, com quatro vitórias seguidas... Marcha do encontro: S. A. C. G. — 0/1, 1/1, 1/2, 1/3, 1/4, 2/4, 2/5, 3/5, 4/5, 4/6, 4/7, 4/7 (nulo), 5/7, 6/7, 7/7 e 8/7. A. Almeida e V. Couto foram os melhores atradores deste movimentado «match», ao passo que F. Pereira e H. Santos, normalmente os mais regulares em cada uma das equipas, ficaram aquém do rendimento costumado.

**Centro de Esgrima**, 12—**Ginnásio B** 4: Fácil vitória do C. N. E., que apresentou a sua equipa de novo com R. Mayer, mantendo-se A. Lopes a substituir J. Sasseti. Na representação do Ginnásio, P. Araújo, ausente de Lisboa, tem o seu lugar preenchido com Raul Worm. Marcha do encontro: C. N. E. — 5/0, 5/1, 5/2, 6/2, 6/3, 6/4 e 12/4. Único pomenor de salientar — a derrota de H. Silveira no assalto disputado com J. Nogueira, por excesso de confiança...

Devido à chuva que caiu na sexta-feira, o torneio foi interrompido e marcado para prosseguir ontem e hoje. Até então, as equipas haviam adquirido as seguintes posições: S. A. C. G. — 6 pontos (3 vitórias colectivas); C. N. E., 4 pontos (2-1); G. C. P. — 2 pontos (1-1); G. C. P. — 2 pontos (1-2); H. C. P., 0 pontos (0-3).

## NOTAS & COMENTÁRIOS

O Comité Olímpico é um organismo de atitudes diplomáticas — em todo o mundo. O Comité português não foge à regra. Quis por isso ter a gentileza de agradecer a colaboração prestada pela «Stadium» ao festival efectuado na Sociedade de Geografia, por ocasião do quinquagésimo aniversário do olimpismo moderno. Não fizemos mais do que cumprir o nosso dever de cooperar e auxiliar todas as iniciativas dignas do melhor êxito. Nada tinha que nos agradecer. Registamos, no entanto, com prazer, a sua nova deferência.

AGRADECEMOS também as saudações que nos dirigiu o Olímpico Clube de Portugal, ao iniciar a sua actividade no desporto. Que seja muito feliz, é o que sinceramente desejamos.

DISSEMOS já que o Feminino Atlético Clube deixou de existir.

D. Helena Sousa Martins, infatigável directora do clube em oito anos, calma e voluntariosa da simpática colectividade, ao abandonar a direcção teve a amabilidade de agradecer, à «Stadium» e ao nosso correspondente no Pôrto, Mário Afonso, aquilo que D. Helena Martins chama os serviços prestados ao clube e à sua direcção. Anotamos gostosamente a gentileza. Preferíamos, entretanto, que o Feminino continuasse a existir — e a trabalhar pelo desporto entre as senhoras.

POR parte do Grupo Ciclo-Turista «Os 15» houve um gesto que muito nos sensibiliza — comunicar que a comissão administrativa ficou desagradavelmente impressionada com o precalço desastroso sucedido ao nosso presado colaborador Abílio Gil Moreira, e que lhe deseja sinceramente um rápido e feliz restabelecimento. A «Os 15» — muito obrigado pela sua amizade nesta emergência.

O Desportivo Clube de Arroios — seria mais portuguesa a designação de Clube Desportivo de Arroios — em reunião de direcção, exarou na acta um voto de louvor à «Stadium». Com os nossos agradecimentos, fica o desejo de largas prosperidades para o Arroios, clube modesto, mas que procura trabalhar com acerto e entusiasmo.

EMBORA seja conhecido o comunicado da Federação Portuguesa de Futebol a respeito da transferência de atletas, recorramos a transcrição do art. 62.º do decreto 23.946:

«Os pedidos de transferência são formulados pelos desportistas, no fim da época, à Direcção Geral, por intermédio da respectiva Federação».

Nestes termos, os processos de transferência serão enviados à Direcção Geral, devidamente documentados, depois de informados pelas respectivas Associação e Federação.

HA resultados cujo significado de trabalho criterioso não pode passar sem referência. Encontra-se neste caso as recentes vitórias do Futebol Clube do Pôrto e do Carmide Clube, respectivamente nos campeonatos nacionais de «handball» e basket.

O Pôrto ganhou a prova pela sexta vez successiva — em seis anos de disputa. Não houve ainda outro campeão nacional. O Carmide é o clube mais vezes detentor do título. A ambos, as nossas felicitações.

O banquete do Sport Lisboa e Benfica foi uma autentica parada das velhas glórias do popular clube. Não estavam todas, certamente — e algumas desapareceram já, no turbilhão da vida. Mas compareceu o bastante para o Benfica ter uma grande jornada de saúde e gratidão. O banquete foi um exemplo formidável de amor ao clube — de um amor que não arrefece com o tempo.

ANO XII — Lisboa, 12 de Julho de 1944 — II SÉRIE-N.º 84

### STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor

DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:

T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º

Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e Impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e Impressão tipográfica na  
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



## O dr. Salazar Carreira foi nomeado Inspector dos Desportos

O Sr. Ministro da Educação Nacional assinou na segunda-feira passada a portaria que nomeia Inspector da Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, o dr. José de Salazar Carreira, nosso querido amigo e dedicado companheiro de trabalho.

Rejubiliamo-nos sinceramente com a nomeação — por todos os motivos. A escolha de um novo inspector da D. G. D. recaiu em quem reúne os dons necessários para exercer proficientemente tais funções: um carácter leal e recto, que corta a direito e não hesita em apontar a verdade sem rodeios, e competência técnica afirmada desde há longo tempo, com exuberância, no campo prático e teórico.

Médico, desportista e publicista, formou-se na Faculdade de Lisboa em 1916 e seguiu no mesmo ano para a Mocimboa, prestando serviço durante dezitois meses no Corpo Expedicionário da N. S. A. De regresso ao continente, desempenhou, até 1924, o lugar de assistente da Clínica Ortopédica da Faculdade, publicando a tese «Tratamento das escolioses pelo método de Abott (1909) e inúmeros artigos e estudos da especialidade nas revistas «Medicina Contemporânea» e «Arquivos de Pediatría e Ortopédia», de cuja redacção foi secretário. Especializando-se em assuntos de Educação Física e ginástica médica, fez parte do corpo docente da Escola Superior de Educação Física da Sociedade de Geografia, regendo as cadeiras de Didáctica e Técnica desportivas.

Como dirigente, tem exercido no meio desportivo acção notável, continua e dinâmica, ocupando cargos de responsabilidade, como a presidência do Sporting, das Associações de Lisboa de Atletismo e Rugby, das Federações Portuguesas de Atletismo e Futebol e da extinta Confederação de Desportos. No exercício destas funções representou diversas vezes o País em congressos internacionais, onde a sua presença ficou assinalada por serviços relevantes para os interesses e propaganda do desporto nacional, sendo por isso agraciado com o grau de oficial das ordens de Cristo e Instrução Pública.

Orador de recursos brilhantes, escritor, conferencista e jornalista de infatigável actividade, tem publicado va-



Dr. Salazar Carreira

## A homenagem do Benfica aos jogadores do passado, do presente e do futuro

O banquete promovido por iniciativa do nosso prezado confrade «Sport Lisboa e Benfica», na penúltima segunda-feira, correspondeu, em absoluto, ao seu objectivo. Foi, essencialmente, uma festa de gratidão e saúde, para os pioneiros do clube. Não sabemos se todos os jogadores de 1906-07 e de 1910-11 compreenderam o nobre significado da festa, e se todos os sócios o comprenderam também. Sabemos, todavia, que o banquete constituiu notável manifestação de simpatia pelos jogadores que concorreram para alicerçar o Benfica, nos primeiros tempos da sua existência. Ficaram assim amalgamados, na mesma dedicação pelo popular clube, todos os jogadores da fase inicial, e envolvidos, todos eles, na mesma atmosfera de carinho pelo valeroso esforço que despenderam, em épocas distantes.

A direcção do Benfica, alargando a homenagem aos vencedores da «Taça de Portugal» e aos campeões regionais e nacionais de juniores, deu maior amplitude à festa. Os jogadores feitos, mas sobretudo aqueles que são ainda novos, puderam assistir a uma homenagem que, sendo bonita pelo objectivo, se tornou numa lição admirável de amor ao clube e dedicação pelo desporto. E melhor teria por certo, sido, se a série de discursos fôsse mais

lhosos livros, em especial sobre atletismo — a modalidade que mais o tem apaixonado, e inúmeras conferências. A sua colaboração na imprensa está espalhada em muitos jornais e revistas de especialidade, toda ela à base da mais pura doutrina construtiva — de que é exemplo flagrante o trabalho continuamente desenvolvido nas colunas da Stadium, recheado de ensinamentos e pleno de utilidade.

Começou a sua carreira de desportista praticante no Gimnástico Clube Português, onde fez a sua preparação ginástica e cultivos o jogo de pau. Passou, depois para o «Ses» Sporting, que representou desde 1910 a 1917, em inúmeras modalidades — atletismo, esgrima, «handball», natação, «rugby» e «tennis». Foi campeão nacional de 100, 200, 400 e 800 metros, em 1914, dos 400 metros barreiras em 1922, 1923 e 1924, por diversas vezes em provas de estafetas e detentor do «record» nacional dos 400 metros barreiras de 1922 a 1927.

Quando um desportista exhibe uma folha de serviços como esta, dá absoluta garantia para o êxito da espinhosa missão que acaba de ser confiada a Salazar Carreira. Aqui lhe deixamos um apertado abraço de felicitações, com o júbilo sincero que sentimos pela justa distinção que lhe foi conferida.

curta, de modo que o final se transformasse de facto em apoteose aos triunfadores — no passado, no presente e no futuro.

Fica, pois, como exemplo magnífico de gratidão e justiça, a festa do Benfica. Para os jogadores, essencialmente para os novos, pôde servir de lição sugestiva a forma como os jogadores antigos souberam acorrer à chamada, alguns já de cabelos brancos, outros regularmente descabelados... E deve ser igualmente interpetado o carinhoso entusiasmo com que todos eles foram saudados, quando Carlos Rebelo da Silva, chefe da redacção do semanário promotor da festa e nosso prezado colega, os chamou, um a um, para que todos os convivas os festejassem vibrantemente, comovidamente.

Todos mereceram palmas calorosas. Mas distinguiram-se, entretanto, Felix Bermudes, um dos fulcros da resistência oposta, dentro do clube, à crise de 1907, e Cosme Damião, o «velho Cosme», que sem exuberância de gestos nem de palavras transformou o Sport Lisboa e Benfica em clube de primeiro plano, num clube de notável desenvolvimento entre os mais importantes de todo o país. Cosme Damião andou aos ombros de vários concósis e deve ter recebido uma das melhores manifestações da sua carreira brilhante de jogador e dirigente. Os mortos foram também lembrados — com um minuto de silêncio à sua memória.

É digno de registro especial o entusiasmo com que a assistência entou, em coro, de pé, mais de uma vez, o hino do clube, com letra de Felix Bermudes. Foram momentos de profunda emoção, que não podem esquecer, que não esquecem. Ficam para a história — como uma jornada triunfal, como uma jornada a que deveriam assistir, para admirar tão impressionante grandiosidade, todos quantos não compreenderam ainda o valor educativo e esportual do desporto.

Para este ambiente de apoteose contribuiu tudo — a forma como se preparou o banquete, a própria ornamentação da sala, com o bronze «Bernardino Costa» no primeiro plano, fotografias dos «steams» em festa e bandeiras do clube, até às saudações de alguns clubes amigos que sabem ser rivais em pugnias de desporto. Tocou, porém, fundo, na sensibilidade de toda a assistência, um telegrama do Caravelos Sport Club. O clube cuja derrota constituiu o motivo principal da homenagem, soube dar nova prova do seu elevado desportivismo, telegrafando as saudações aos vencedores de 1910-11, com a nota expressiva de o fazerem com os Ingleses da Quinta Nova! Justas foram as palmas dispensadas aos primeiros mestres no futebol lisboeta.

A fechar estes comentários queremos deixar inscritos os nomes dos «antigos» jogadores que estiveram presentes: Felix Bermudes, Carlos Monteiro, Artur Aires Martins, José Jorge Rodrigues, Carlos Homem de Figueiredo, Leopoldo Mocho, José Domingos Fernandes, António Meireles, Domingos Simões, escultor José Neto, Juiz Vieira, Francisco Belas, Alberto Fernandes Alves, João Matos, Dr. Vergílio Paula, Cirili Miramon e Cosme Damião.

MÁRIO DE OLIVEIRA

## Mestre Ermelindo Santos

Um grupo de amigos e alunos do conhecido professor de ginástica Sr. Ermelindo Santos, ofereceram-lhe, no próximo dia 15 um banquete, prestando-lhe assim justa homenagem por ocasião do encerramento das suas classes do Centro de Educação Física. A inscrição está aberta, até ao dia 12, na rua Nova da Trindade n.º 20, podendo ser feita às 2.ª, 4.ª e 6.ª feiras, das 18 às 19-30 horas.

Tal é, em síntese, o panorama dos saltos artísticos para a água neste de albar se nova época — altura em que o assunto tem, indiscutivelmente, a melhor oportunidade. Vamos, pois, trabalhar?

Fiel à sua conduta de sempre, Stadium, Guilherme Caupers, para não falar já no excepcional e infeliz Walter Awita.

## NATAÇÃO

### Estimulemos a prática da bela modalidade dos saltos para a água

TEM a natação, a chamada natação pura, duas modalidades — ou mais rigorosamente, duas variantes — que lhe estão intimamente ligadas e que dela fazem parte integrante: o «water-polo» e os saltos artísticos para a água.

Na última dúzia de anos tem sucedido entre nós esta coisa curiosa, talvez até um pouco paradoxal: à medida que o nível técnico e o valor dos «steams» melhoram em natação pura, embora por intermédio de um número mínimo de nadadores, as modalidades que têm também na natação a sua razão de ser, retrocedem cu, com boa vontade, estacionam...

Pelo que respeita ao «water-polo», o assunto está por demais escalfado nestas colunas, onde a nossa opinião tem sido desassombadamente exposta.

Dentro desta orientação construtiva, dedicamos hoje algumas palavras aos saltos artísticos para a água. Bem as merecem.

Examinado a frio, sem receio de ferir susceptibilidades — se é que no caso pode haver melindres — o panorama é o seguinte: poucos e mais saltadores...

Tal como no «water-polo», há um desnível bastante acentuado entre o valor dos nossos «records», especialmente de alguns, e o valor dos nossos saltadores menos maus.

Causas? Com pequenas diferenças, as mesmas que para o «water-polo». A falta de locais apropriados (em Portugal não há uma só torre

de saltos que reúna todos os requisitos considerados necessários) — mas sobretudo falta de interesse, quer de dirigentes quer de praticantes. Além disto, um saltador, na verdadeira acepção do termo, tem de ser, antes de tudo, um verdadeiro ginasta. Neste momento aforam-nos ao bico da pena os nomes de Weiss e Hidyevs cujas exhibições, na piscina de Algés, jamais esqueceremos.

Assim, os saltadores têm de se sujeitar a longa e adequada preparação ginástica, que lhes faculta particular flexibilidade e o auto-domínio dos nervos, das atitudes. Ora os nossos atletas são, na sua forte maioria, refratários a toda e qualquer preparação metódica, por ter de ser lenta e regular — e como tal um tanto monótona...

Como debelar tudo isto? A nosso ver, estimulando os saltadores por todas as formas possíveis. Organizando, por exemplo, mais qualquer coisa do que os campeonatos regionais e nacionais, antes promovendo amiludadas vezes concursos dotados com prémios. Não considerando os saltos como uma maçada que é preciso incluir nos programas... para não se perder de todo a tradição...

Há anos atrás, quando as torres de saltos eram os mastros dos barcos que se encontravam nas docas, saltava-se para a água melhor do que hoje. Recordemos Emilio Renon, Guilherme Caupers, para não falar já no excepcional e infeliz Walter Awita.



# PORTUGAL *Parque de campismo*

**P** RIMAVERA... Verão... As estações ideais para a prática do belo e salutar campismo!

Portugal, devido às suas belezas turísticas e paisagistas e ao seu maravilhoso clima — que permite acampar em pleno inverno na Serra da Estréla, com os agradáveis momentos do «ski», ou tomar banho na primavera! Praia da Rocha — é um verdadeiro parque de campismo... São inúmeros os locais pitorescos e próprios para este agradável desporto: Praia do Cabedêlo, Monte de Santa Luzia São Martinho do Porto, margens do Rio Nabão, Portinho da Arrábida, Lagoa Azul, Nave de Santo António, Vale das Canas, Caparica, Praia da Rocha, margens do Rio Vouga, Pinhal de Leiria, margens do Rio Ave, Foz do Arelho...

Para o verdadeiro campista não há época do ano que não seja propícia à prática da vida ao ar livre, em contacto directo com as maravilhas da Natureza, acampando nas margens das lagoas, nas praias, à beira-mar, nas clareiras das florestas, nas matas, nos pinhais, nas montanhas — longe dos centros urbanos, dormindo dentro de uma tenda e preparando as



Um núcleo de campistas no Portinho da Arrábida



Outono... Numa das clareiras da floresta de Penha Longa, os amigos da vida ao ar livre preparam uma refeição pelas suas próprias mãos



Verão... Acampados na Praia do Guincho, vivendo o belo ambiente da beira-mar, os campistas tomam o benéfico banho da sel.



Inverno... Acampados no Pinhal de Paia, sob baixa temperatura, os campistas fumam o seu «cachimbo de paz», amornado pelo fogo do abrigo de inverno



Primavera... Um acampamento nas margens da Lagoa Azul, onde se respira o perfume das acácias em flor

refeições pelas suas próprias mãos, sempre de pulmões plenos de ar puro...

As fotografias que publicamos, gentilmente cedidas pelo sr. Fernando Pereira, campista dos mais entusiastas, foram obtidas durante as quatro estações do ano — Primavera, Verão, Outono e Inverno — pelos componentes da «Caravana Campista» de Lisboa. São eloquente testemunho de que Portugal é na realidade um parque de campismo!



# A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



**ESGRIMA:** Está a disputar-se a taça «Câmara Municipal de Lisboa», à qual fazemos referência noutra lugar. As fotografias mostram: 1—O olímpico H. da Silveira bate-se com F. Pereira; 2— Fase do assalto entre V. Ventura e E. Lino. **VOLLEYBALL:** Os finalistas do Campeonato de Lisboa da divisão de honra: 3—A equipa do I. S. Técnico, vencedora da competição; 4—A equipa do Internacional, 2.<sup>a</sup> classificada

(Fotos Nunes de Almeida)

PUBLICAMOS

hoje a segunda das reportagens gráficas sobre os clubes que disputaram o Campeonato Nacional de Futebol e a «Taça de Portugal» na última época. Referem-se ao popular **SPORT LISBOA** e **BENFICA** e é acompanhada da tricromia do respectivo tombo de honra.

Leitor: recorte e coleccione o cupão invertido aqui. A coleção dos 10 cupões dar-lhe-á direito à **CAPA** que oferecemos para encadernar a série destas esplêndidas reportagens.



Na próximo número  
**CLUB DE FUTEBOL «OS BELENENSES»**

## UM RECORDE BATIDO!...

Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfaiataria J. C. MOURA, na Rua da Atalaia, 145, faz dessas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.<sup>a</sup> tiver casa sua não é preciso fiador para adquirir um bom fato, sobretudo ou gabardine, assim como confecções de senhora em género «tailleur»! Note bem, nesta casa encontrará V. Ex.<sup>a</sup> maior perfeição e não pagaluxo.

**CHAVES** de todos os modelos

Perdeu-as? Partiram-se? Roubaram-lhas? — mande fazer outras na

**CASA DAS CHAVES**  
Amadeu Gomes da Fonseca

RUA DA MOURARIA, 3

(Frente ao Cinema) • Telef. 28050





# DESPORTOS DO «STICK»

CICLISMO

## O Pôrto — Vila-Real — Pôrto

foi ganho por JORGE MOREIRA do Futebol Clube do Pôrto

A «Taça» de Portugal, o campeonato de Lisboa e a inauguração de um «rink» em Estremôs

**ENTRARAM** decisivamente em fase de grande interesse desportivo (quicá espectacular: as duas competições de «hockey» em curso: a «Taça» (em campo) e o torneio lisboense (em patins). Estas duas provas, pela sua importância, estão despertando curiosidade no meio e podem contribuir até para valorizar a modalidade, atendendo a que as rivalidades latentes e o comportamento das diferentes equipas é de molde a aguardar a melhor continuidade: para dar realce não há, realmente, como a significância do interesse. Isto, claro, no aspecto desportivo; no campo financeiro, resultante do próprio espectáculo, os sintomas são verdadeiramente consoladores e indicativos de bons resultados.

Quando se verifica melhoria nas equipas, é fora de dúvida que os torneios — sejam eles de que modalidade forem... — se valorizam por si. Assim sucede no «hockey» em patins, principalmente, e, em paralelo, no «hockey» em campo; porque uma ou outra equipa de clube — daqueles clubes que têm «personalidade» e público em grande quantidade — se avanteja e consegue fazer «carreiras». É absolutamente natural crer-se em valorização de conjunto, no que respeita ao desporto em referência.

Queremos dizer: poucas vezes, como agora, se ganhou tanto em tão pouco...

Por quê? Talvez pela circunstância de se notar mais equilíbrio, e, momentaneamente, mais «vontades» globais de trabalho valorizador. Resultado: imediata subida de «teams» tidos como menos apetrechados, em relação a «primeiros planos» de carácter crónico, pela circunstância — que convém acentuar — de se crer, sómente, na valorização de determinados sectores. Quando esses outros núcleos querem ou os deixam «querer»! — então as coisas mudam, têm fatalmente de mudar, inteiramente de figura.

O Benfica parece haver retomado o gosto pelas coisas relacionadas com o «hockey». Questão de vontade, ou de crença natural em possibilidades que não tinham ainda vindo ao de cima? Acredite-se nas duas coisas juntas — e o julgamento fica feito desde logo. Pois é assim mesmo: o Benfica voltou a figurar como «grande plano» da modalidade, quicá das duas modalidades... Depois de ter ganho o campeonato regional de «hockey» em campo — com mérito relativo — apresta-se também para conquistar o título de campeão nacional, dir-se-ia para creditar-se como a melhor equipa do País. Nunca havia ganho aos campeonos nacionais — mas uma vez quebrado o enguico... o Benfica voltou a derrotar o Futebol Benfica! Desta feita, porém, no Campo Grande — e pelo mesmo resultado de 1-0 conquistado no regional, em Benfica; pena foi que o Ramaldense ganhasse, também, no Pôrto...

A segunda volta da «Taça» começa no sábado, com jogos em Lisboa: Benfica — Boavista (os dois campeões actuais) e F. Benfica — Ramaldense (os campeões destronados). É uma jornada em «cheio», como usa dizer-se. No domingo trocam-se os adversários: Benfica — Ramaldense e F. Benfica — Boavista. Depois, para encerramento, jogos em Lisboa e no Pôrto, entre os clubes locais: F. Benfica — Benfica e Ramaldense-Boavista.

Que nos re-erva — pode haver surpresa... — este fim do torneio?

Entretanto, veja-se a posição dos quatro clubes no dealbar da segunda volta.

	J.	V.	E.	D.	«Goals»	P.
Ramaldense . . . . .	3	2	1	—	4-1	8
Benfica . . . . .	3	2	1	1	2-3	6
Futebol Benfica . . . . .	3	1	—	2	2-3	5
Boavista . . . . .	3	1	—	2	5-6	5

(Continua na pág. 14)

«STADIUM» PATROCINA

## As regatas do «Mare Nostrum»

e oferece um trofeu para ser disputado numa das provas

O Clube Náutico «Mare Nostrum», ainda com poucos anos de trabalho, é, contudo, uma colectividade desportiva de valor firmado e que através das suas organizações tem marcado sempre lugar de evidência nos desportos náuticos, única especialidade a que se dedica com entranhado entusiasmo. Há, até, umas embarcações à vela que têm o nome do clube, denominados barcos «Mare Nostrum». Pois o C. N. M. N. vai organizar uma série de regatas, umas do calendário oficial da Federação Portuguesa de Vela e outras de carácter particular, simplesmente destinados a sócios seus; estas últimas começaram no passado domingo e efectuam-se ainda a 23 do corrente, 25 de Agosto e 18 de Setembro, fazendo até parte dos campeonatos em «Borjas» e em «M. N.», embarcações pequenas, de classes e características diferentes, mas provando sempre bem, como tem sucedido em regatas anteriores.

As regatas do calendário da F. P. V., oficiais, efectuam-se no próximo domingo e ainda a 24 de Setembro, patrocinadas por «Stadium», que para elas oferece um trofeu afim de ser disputado numa das provas, que são: regata de inauguração, para «Borjas», e outras embarcações que não tomem parte nas regatas do Barreiro; regata de encerramento, para «Sharpies» de 9 m<sup>2</sup> e de 12 m<sup>2</sup>, de «Vougas», «Borjas», «M. N.» e Barcos de Meio Cruzeiro.

Além do trofeu «Stadium» haverá ainda as taças «Comitê Olímpico Português», «Câmara Municipal de Lisboa», «Raimundo Ferreira», «Dr. Santos e Silva» e «Capitão de Mar e Guerra Almeida Garrett».

Todas as regatas, de exclusiva organização do Clube Náutico «Mare Nostrum», disputam-se junto ao pósto do clube, na Cova do Vapor, com

seu começo, sempre, duas horas antes do preamar. A fim de dar maior realce às provas oficiais, efectuar-se-ão, findas as regatas, tardes dançantes, abrihantadas por uma orquestra privativa, festas estas que começam às 15 horas dos dias anunciados acima.

### A REGATA OCEÂNICA

foi ganha pelo «Wiking» de Sebastião Palma

A vela é, certamente, entre os desportos náuticos, aquele que tem recebido melhor impulso de propaganda. E tanto nas provas de percursos pequenos, dentro dos rios, reservadas a barcos de tipos reduzidos, como para as regatas de cruzeiro, no oceano, sucedem-se as corridas e há movimentação e entusiasmo, nos clubes e nas tripulções. Este ano já se marcaram três provas de mar largo. A primeira, há meses, para disputa do «Trofeu Salazar», teve por objectivo a ida às Berlengas. A segunda, tendo por prémio a taça «Comandante Tenreiro», disputou-se no sábado e domingo últimos, entre Pedrouços, Sesimbra e Estoril. A terceira calcula-se marcada para o dia 23: é a taça «Wintermantel», disputada pela nona vez, entre Paço de Arcos e Setúbal, numa única etapa.

Para a prova de agora largaram de Pedrouços em manhã de vento fresco, onze embarcações: «Bébé», de F. Aguiar; «Núria», de José Torres; «Berenice», de H. Rugeroni; «Wiking», de Sebastião Palma; «Argo», de Engénio Nunes Branco; «Santa Cruz», de Maurício Carp; «Maribel», de Teófilo Esteves,

O ciclismo animou-se, no domingo, com uma prova disputada no norte do país, entre Pôrto e Vila-Real, em duas etapas. A travessia do Marão tornou-se a mais importante do programa. Foi João Rebelo o mais voluntarioso. Atacou logo de princípio, a 100 metros do Alto de Espinho, o ponto mais alto da serra; e atacou, ainda, na subida de Valongo, já perto do Pôrto. Foi ele que comandou o resto da prova. E entrou à frente na pista do Lima.

Em Vila Real classificaram-se com o mesmo tempo de 4 horas certas, Império (Salgueiros) Jorge Moreira (F. C. P.), Manuel Cardoso (Salgueiros), Rebelo (Iluminante), Carvalho Marques (F. C. P.), Aniceto (F. C. P.) e José Pardal (F. C. P.); Jorge Pereira (I.) e José Ferreira (Sangalhos) levaram mais 15 segundos. Em 10.º ficou Tílio Pereira (Sangalhos), em 4 h. 01 m. e 35 s. Eduardo Lopes, da Iluminante, entrou em 13.º.

No Pôrto, a classificação foi: 1.º Jorge Moreira, 2.º Império, 3.º Aniceto, 4.º Rebelo, todos em 4 h 11 m., 5.º Carvalho Marques, 6.º Manuel Cardoso, 7.º David Silva (Sang.), 8.º J. Souto (F. C. P.), 9.º Jorge Pereira, 10.º José Ferreira, 11.º José Pardal, 12.º Manuel Pereira.

Império e Moreira ficaram empatados, em tempos e em pontos, na classificação geral. Os organizadores desempataram pela ordem de inscrição. Venceu, pois, Jorge Moreira seguido por Eugénio dos Santos, Rebelo, Aniceto, Carvalho Marques, José Pereira, José Pardal, José Ferreira, David Silva, Santo e Manuel Pereira.

Segue a classificação por equipas: 1.º Pôrto (Moreira e Marques), 13 pontos; 2.º Iluminante, 25 p.; 3.º

A. 27; 3.º Salgueiros, 30; 5.º Académico, 31; 6.º Sangalhos, 38.

## O «combatente» MIGUEL GASPARD foi o vencedor da corrida do Arroios

O Desportivo de Arroios é uma simpática colectividade bairsta que tem já um passado digno de respeito, pois além de certa actividade cultural exercida sem desfalcimentos de há anos a esta parte, tem-se dedicado à prática de algumas modalidades. Os organizadores onde tem marcado lugar de relevo. Foi este pequeno mas activo clube promoveu no domingo uma prova velódromica de 40 quilómetros, que fazia parte do programa dos festejos comemorativos do 10.º aniversário da sua fundação.

A manifestarem o apreço e a simpatia que nutrem pelo Arroios, todos os clubes que possuem ciclistas inscritos — categoria a que se destinava a prova — inscreveram os seus representantes na totalidade. Assim, a corrida reuniu 23 concorrentes, que largaram da avenida Alferes Malheiros e foram a Alhadra, por Sacavem, regressando ao ponto de partida.

Triunfou individualmente Miguel Gaspar, a grande «esperança» dos Combatentes, um homem que se for bem orientado pode impôr-se na modalidade que pratica. Tem estofo para isso e assim é salda disciplinar-se...

José Barros, Valtair e Martins Coelho classificaram-se a seguir ao vencedor, respectivamente em 2.º, 3.º e 4.º lugares, conquistando assim para o Benfica, mais um triunfo colectivo e mostrando ao mesmo tempo que este clube é, actualmente, em início, o que possui equipa mais homogênea e apetrechada para vencer.

Ao Apolo coube a segunda classificação colectiva. O clube organizador não conseguiu classificar-se por motivo da desistência dos seus representantes, entre os quais figurava o habilidoso José Camelo.

### UMA RECTIFICAÇÃO

Demos, no último número, a notícia de que a Emissora Nacional, ganhara, ao Vacuum Clube, em «basket-ball», por 104-20. Houve lapso na indicação do resultado, que foi apenas 24-20. Apressamo-nos, por isso, a rectificá-lo.

«Beau Geste», de Jorge Schebel, «Celite», de Mário Prista, «Sabu», de João de Lemos, e «Tritão», de José da Silva Ribeiro.

Até Sesimbra correu a prova sem grande dificuldade. «Argo» foi o primeiro barco a fundear na linda baía de Sesimbra. Seguiram-se-lhe «Wiking», «Núria», «Berenice», «Santa Cruz», «Maribel», «Beau Geste», «Sabu» e «Tritão». Desistiram, portanto, até Sesimbra «Bébé» e «Celite».

No regresso ouviu vento de nordeste, à saída. Após a passagem pelo Cabo Espichel, apertou a nortada. Os barcos tiveram por isso de lutar com vento pela prôa e mar agitado. «Maribel» e «Beau Geste» tiveram avarias a bordo, e «Berenice» e «Núria» desistiram. O lote dos concorrentes baixou, pois a cinco. E cortaram a «meta» de chegada, no Estoril, pela seguinte ordem: «Wiking», «Santa Cruz», «Argo», «Tritão» e «Sabu».

A classificação, pela adição de pontos, fez-se como segue: 1.º «Wiking»; 2.º «Argo»; 3.º «Santa Cruz»; 4.º «Sabu» e «Tritão».



○ Sport Lisboa e Benfica é o clube mais popular do país.

Fundou-se em 28 de Fevereiro de 1904. Tem, portanto, 40 anos de existência — e não podemos dizer que a vida lhe haja corrido sempre facilmente. Tem, pelo contrário, sido bastante atribulada. Para vencer, teve de lutar com entusiasmo, em mais de uma oportunidade, tomando por base a sua divisa «et pluribus unum». A união associativa, a forte aglutinação dos seus sócios e atletas, e a «alma», a «alma» tradicional nos seus representantes em provas de desporto, têm proporcionado muitos triunfos e dado ao clube as melhores garantias de estabilidade. O Benfica é, conforme se tem feito correr entre a sua população associativa, uma grande «família», unida, vibrante, entusiástica. Esta é das características que melhor definem o clube — e a sua actividade. Um por todos. E todos por um.

Em 1904, quando se fundou, era apenas Sport Lisboa. Formou-se com gente de Belém e naquele bairro — entre operários do Arsenal da Marinha, jogadores do Belém Futebol Clube e ex-alunos e alunos da então Real Casa Pia de Lisboa. O primeiro «team» que se constituiu dentro do clube tinha por base o «onze» casapiano que batara os ingleses do Carcavelos Club, em 1897, numa tarde brilhante para o desporto, sendo reforçado com alguns jogadores de Belém (especialmente os irmãos Rosa Rodrigues). Esse «onze», que representou o clube no torneio do «Bronze Viúva Alexandre Sena», apresentava-se com a seguinte constituição: Mora; Cosme Damião e Emílio Carvalho; Albano dos Santos, António Couto e Fortunato Levi; Silvestre da Silva, Cândido Rosa Rodrigues, Daniel Queiroz dos Santos, António Rosa Rodrigues e Carlos Franca.

Data deste torneio — organizado pela extinta revista «Tiro e Sports», como primeira competição inter-clubes que se registou no país — a afirmação do valor do Benfica, de um valor que bastou para resistir a três saídas de jogadores — em 1907, para a primeira categoria do Sporting Clube de Portugal; em 1919, para a fundação do Clube de Futebol «Os Belenenses»; e em 1920, quando se fundou o Casa Pia Atlético Clube. A crise pior foi a de 1907. Sairam quasi todos os jogadores do «onze» de honra, Cosme Damião e Felix Bermudes foram a «alma» da resistência. Marcolino Bragança, jogador de grandes recursos, foi auxiliar precioso, pelo entusiasmo com que procurou manter a união entre os jogadores. Fez-se uma subscrição especial para o Sport Lisboa não morrer. E não morreu! A segunda categoria passou à primeira fila e o clube manteve-se, progrediu e chegou rapidamente ao plano de grande clube.

#### A POPULARIDADE

A forma como se bateu pela sua existência, a união colectiva, o brio desportivo dos atletas, o modo como procuravam substituir pelo entusiasmo na luta o que podia faltar em recursos técnicos, a circunstância de ser um agrupamento exclusivamente português entre «teams» estrangeiros (Carcavelos e Lisbon) ou mesclados de estrangeiros (Internacional e Sporting), tudo isto contribuiu

UM POR TODOS E TODOS POR UM!

## O SPORT LISBOA E BENFICA

em 40 anos de existência

para a popularidade conquistada pelo Sport Lisboa no público da capital. Antes mesmo de ser o grande clube que é presentemente, já lograra a popularidade que se prolongou até agora e que há-de por certo prolongar-se ainda por muitos anos.

Recordando algumas datas gloriosas na vida da colectividade, podemos acrescentar que obteve na época de 1906/1907 os primeiros troféus conquistados em futebol. Nesta mesma temporada, bateu pelo primeira vez os mestres ingleses de Carcavelos, por 2-1, tornando a batê-los no campeonato de 1910-1911. A saída de vários jogadores para a província levou a propaganda desportiva e alargou a popularidade do Benfica a todo o país.

#### O PASSADO

Em 40 anos de vida intensa pelo desporto, o Sport Lisboa fez duas fusões — com o Grupo Sport Benfica, em 1907, passando nessa altura à designação actual de Sport Lisboa e Benfica; e com a Empresa de Melhoramentos e Desportos de Benfica, na época de 1916/1917. A fusão com o Benfica deu-lhe o primeiro campo privativo de que o Sport Lisboa dispôs, em Benfica, perto da igreja, onde há hoje um bairro moderno. A segunda fusão permitiu ao clube instalar-se na sede e no campo de jogos da avenida Gomes Pereira, também em Benfica.

Quando se formou, jogava o Sport Lisboa e Benfica no campo público das Salésias. Teve, depois, os seguintes: de Benfica, junto à estrada da Damaia; de Sete-Rios, onde esteve depois o campo de corridas da Sociedade Hípica Portuguesa; o campo da avenida Gomes Pereira, sacrificado à expansão da Escola do Magistério Primário; campo das Amoreiras, inaugurado em 13 de Dezembro de 1925, com o trazo de uma derrota imposta pelo Casa Pia (1-3); e Campo Grande, onde foi substituído o Sporting, seu rival de 37 anos! Este último campo foi inaugurado em 5 de Outubro de 1941.

Teve diferentes sedes e sucursais. As sedes foram, pela sua ordem: Benfica, próximo do primeiro campo; Rossio, onde estão actualmente os bilhares, por cima do café Nicola; rua Garrett, n.º 61; largo do Carmo; e avenida Gomes Pereira. Em data recuada houve uma sucursal em Belém. Estabelecida a sede na avenida Gomes Pereira, em Benfica, ainda ali se mantém. Por outro lado, houve diversas instalações para os serviços de secretaria, na Baixa. E a série é também longa: rua da Rosa, letra A (Palácio Palmeira), no tempo de Cosme Damião; rua de São Julião; rua Capêlo, n.º 5; outra vez no Rossio (por cima da Loja das Meias); e rua do Jardim do Regedor. É neste edifício que os serviços de secretaria têm permanecido durante mais tempo. Houve uma sucursal nas Amoreiras, nos últimos anos de existência do campo naquele local.

Entre os seus presidentes de direcção figuram o dr. Januário Barreto, João José Pires, dr. Alberto Lima, Bento Mântua, Felix Bermudes, engenheiro naval Alfredo Ávila de Melo, Manuel da Conceição Afonso, Vasco Ribeiro, capitão Júlio Ribeiro da Costa e dr. Augusto da Fonseca.

A lista completa de títulos ganhos pelo Sport Lisboa e Benfica, em número elevado de desportos, seria longa em demasia para um trabalho desta ordem. Basta dizer, em resumo, que tem sido campeão de Lisboa, e de Portugal, em várias modalidades. Ganhou várias vezes o campeonato de Portugal em futebol, tendo campeão pela última vez em 1941/42 e 1942/43. Triunfou na «Taça de Portugal», em futebol, mais de uma vez, incluindo este ano. Ganhou a «Volta a Portugal» em bicicleta. Realizou dois grandes «raids» de ciclismo — de Paris a Lisboa, e de Lisboa a Laventie e regresso. Tem diferentes títulos de campeão e «records» de Portugal em futebol, atletismo, ciclismo, natação (saltos) e patinagem. E conquistou títulos de campeão em luta greco-romana. Alguns dos seus elementos têm sido internacionais e olímpicos em futebol e «hockey» em patins e atletismo (corrida a pé). Felix Bermudes, antigo jogador e director do Sport Lisboa e Benfica, tomou parte, como atirador, em diversos jogos olímpicos. Francisco Lázaro correu e morreu em Stockolmo.

Todo o trabalho realizado pelo Clube a favor do desporto deu ao Sport Lisboa e Benfica 946 taças. E a expressão da sua popularidade no país é dada pelo número de filiais que conta, nada menos de 65, algumas das quais se encontram espalhadas pela África Portuguesa.

#### O PRESENTE

O presente do clube é representado pelos seguintes índices de actividade ou expansão: Número total de sócios, aproximadamente, 10.000, para 7.356 que existiam em 30 de Junho de 1943.

Número total de inscrições de praticantes em cada secção: Atletismo, 193; ciclo-turismo, 180; futebol, 95; tiro reduzido 60; «basket», 40, ciclismo de competição (iniciados e amadores), 32; «hockey» em campo, 35; «volley-ball», 30; «hockey» em patins, 29; «rugby», 28, «hand-ball», 23; e tenís de mesa, 21.

Há uma secção de xadrez, com 8 jogadores, que tem representado o clube em vários torneios.

As aulas de gymnástica, sob a direcção do sr capitão António Noronha, têm muitos alunos.

As actuais instalações do clube são:

— Sede, em Benfica (avenida Gomes Pereira, 1.

— Secretaria, na rua do Jardim do Regedor, n.º 9.

(continua na pág. seguinte)



As centenas de taças e prémios do Sport Lisboa e Benfica expostas na «Sala dos Troféus»



## FALA A DIRECÇÃO

# Novo campo, nova sede e uma secção cultural

são os problemas em realização e estudo no Benfica

O dr. Augusto da Fonseca não precisava de apresentação. Bastaria dizer que preside há cinco anos à direcção do Benfica, para se saber como deve estar integrado nos grandes problemas associativos. E de justiça, porém, esboçar a biografia desportiva do nosso entrevistado.

Fêz-se jogador de futebol na Associação Académica de Faro. Foi, durante alguns anos, avançado-centro e capitão da primeira categoria. Vinde para Lisboa, fazer os preparatórios de medicina, ingressou no Sport Lisboa e Benfica, entrando logo para o primeiro «team», onde substituiu José Domingos Fernandes. Deu-se este facto na época de 1914-15. Augusto da Fonseca tomou parte numa excursão do Benfica a Bilbao, San Sebastian e Madrid.

Concluídos os preparatórios, matriculou-se na Universidade de Coimbra. Reorganizou o «onze» de futebol da Académica. Foi seu capitão e médio centro. Presidiu à direcção da Associação Académica. E deixou em Coimbra uma tradição de valentia, vivacidade e inteligência, que se mantém ainda. Em Coimbra, participou no célebre movimento da «Tomada da Bastilha», assalto pitoresco que deu à Académica a sua sede actual.

Findo o curso, voltou a Lisboa. Fez ainda um jogo pelo Império Lisboa, mas abandonou depois o futebol.

Em Faro, cultivou também o atletismo.



Dr. Augusto da Fonseca  
Presidente do Benfica

O dr. Augusto da Fonseca é médico da Armada.

Formulada a pergunta sobre o que foi a temporada de futebol e quais são as aspirações e os problemas do clube, relativamente ao futuro, diz-nos rapidamente, em síntese:

— A época não começou muito bem. Primeiro, os reflexos da mobilização; depois a suspensão de Gaspar Pinto; por fim a lesão do mesmo jogador, num treino. Fez-se o possível para Gaspar Pinto reaparecer ainda. É natural que volte a alinhar. Dêste modo, houve irregularidade na constituição das diversas categorias. O «onze» de honra só tornou à boa toada de jogo quando se preencheu a «baixa» provocada pela doença de Gaspar. A «Taça de Portugal» apanhou os nossos jogadores com melhor conjunto. E a «Taça do Império» podia também ser ganha por nós. Perdemos-la por falta de «chance». No conjunto, temos, pois, uma época regular, com vitórias bonitas no campeonato regional

## O que foi a época de futebol para o Benfica na opinião de Albino, capitão do «onze de honra»

FRANCISCO Albino é um jogador popular, de boa fibra. Tem sido apenas de um clube — e por ele luta ainda com o entusiasmo dos primeiros anos em que envergou a camisola rubra.

Começou no Benfica, como jogador infantil, e por lá tem continuado, sem necessidade de compromissos formais. A sua prisão ao clube não é resultado de qualquer contrato — mas da sua afeição de rapaz. Segundo uma expressão agora em voga, e conforme foi apontado no banquete do dia 3 — o Albino é 100% «benfiquista». Isso poderia bastar como elogio. Mas acresce que joga habitualmente com uma energia que não cansa, com «alma» que lembra a vibração do Benfica noutras temporadas. É um jogador que não desanima. Enche, por vezes, o campo — com o seu amor à luta. Esta época, já com

de 2.<sup>as</sup> categorias, na taça «Artur José Pereira», em reservas, na «Taça de Portugal» e nos campeonatos regional e nacional de juniores. Houve pouca sorte, muita vez. Mas, de modo geral, podemos considerá-la satisfatória.

«Quanto a projectos e estudos, temos as obras no campo de jogos, para o alindar, completar e ampliar. Queremos que reúna as condições necessárias para corresponder ao passado do clube, e para se preparar melhor o futuro. E a direcção vai empenhar-se agora em arranjar uma sede mais ampla, sem deixar de ser central. É um problema instantâneo para o clube. A massa associativa cresce cada vez mais. Temos de procurar instalações que correspondam a êsse desenvolvimento.

«Além da sede, preocupa-se a direcção com a educação integral dos seus sócios. A par com a educação física, e com os desportos, pensamos numa secção cultural, com salas de estudo, uma biblioteca mais ampla e mais completa e com alguns cursos que sirvam para a valorização social de cada agremiação e dos seus filhos. Trata-se de uma aspiração por enquanto. Mas esperamos realizá-la, dentro do espírito tradicional do clube: — um por todos e todos por um!

31 anos feitos, pôde ainda ser dos melhores jogadores da sua equipa.

Subiu ao primeiro «team» do Benfica em 1930-31. E tem jogado sempre a médio — à esquerda, à direita e ao centro. É jogador internacional. Em 10 dos campeonatos de Portugal, para 160 jogos realizados, entrou em 145. É, pois, um exemplo de dedicação.

Francisco Albino, na sua vida particular é caixeiro de praça.

Interrogado o capitão do Benfica sobre o que foi a última época para o «team», respondeu nos seguintes termos:

— Foi boa, embora pudesse ser melhor. O Benfica foi sempre finalista: ou entrou na final,

ou ficou em segundo lugar na classificação derradeira. Houve, porém, muito azar. Doenças e outras contrariedades.

— Qual a vitória que mais lhe agradou?

— A que obtivemos na «Taça de Portugal» — responde-nos. Mas esclarece:

— Isto, pela minha parte. Quanto ao clube, devo apontar o triunfo brilhante da «reserva» na taça «Artur José Pereira», e os campeonatos ganhos pelos juniores.

— Que recordações lhe deixou a «Taça do Império»? — inquirimos, ainda. E a resposta vem rápida e sugestiva:

— Nesse jogo, ganhámos tudo — menos a taça... Jogámos bem. Merecíamos ganhar. O público mostrou reconhecer o nosso esforço. Mas a sorte não esteve conosco. Mesmo assim, só perdemos no prolongamento.

— Que jogadores lhe agradaram mais dentro da sua equipa? — perguntámos ainda. Mas Albino fecha a entrevista com evidente vontade de fugir a citações pessoais:

— Todos cumpriram, dentro das suas possibilidades. Todos se esforçaram por actuar bem. Posso, no entanto, sem melindres para os outros, distinguir os médios, Francisco Ferreira e João Silva, e Teixeira. João Silva promete muito.

E ficou por aqui, o valoroso capitão do «onze» de honra do Benfica.



Francisco Albino

## O SPORT LISBOA E BENFICA EM 40 ANOS DE EXISTÊNCIA

(continuação da pág. anterior)

— Campo de jogos, no Campo Grande. A sede comporta a sede propriamente dita, com salões de festas, onde funciona uma secção cinematográfica, que tem sessões às quintas-feiras, sábados e domingos; salão de jogos, incluindo 2 mesas para tenís de mesa; «rink» de patinagem; carreira de tiro reduzido; e restaurante.

A secretaria engloba: ginásio, carreira de tiro reduzido, secretaria, biblioteca, salas de jogo (com três mesas para tenís de mesa), posto médico, gabinete da direcção, salas para trabalho das secções, «bar», restaurante, barbearia, a «Sala dos Trofeus», que é a sala de honra do Clube, e redacção e administração do «Sport Lisboa e Benfica», jornal do clube.

O campo de jogos inclui: terreno para futebol e respectivas cabines, e campos para «basket» e «voleyball». É director de campo o sr. Álvaro Curado, uma das grandes dedicações do clube.

### O FUTURO

A direcção do Sport Lisboa e Benfica não descarta a expansão do clube, no sentido de lhe assegurar o seu futuro.

Assim, e embora o campo de jogos satisfaça de certo modo as necessidades do clube, está-se procedendo à sua ampliação, para o lado da alameda das Linhas de Tórres.

Não estão ainda assentes em definitivo os

melhoramentos já em começo de realização, dentro das linhas gerais do projecto elaborado pelo engenheiro Dionísio Magro, sócio, atrador e antigo director do clube. Podemos, no entanto, indicar os que seguem:

— Arrelvamento do actual campo de futebol.

— Construção de um campo para «handball», «rugby» e «hockey» em campo, com 100 metros de comprimento por 64 de largura, e que servirá também para treinos de futebol. Este campo terá bancadas e será circundado por 6 pistas de atletismo.

— 4 «courts» de «tennis», com cabines especiais, para homens e senhoras, sendo as de senhoras individuais, com vestuário e chuveiro anexos. A entrada para os «courts» será feita exclusivamente pela alameda das Linhas de Tórres. Haverá um «bar» privativo.

— Campo de «voleyball», já aproveitado.

— Campo de «basketball».

O alargamento faz-se com os terrenos aproveitados entre o actual «peão» do campo de futebol e a alameda.

A entrada, do lado direito, entre duas palmeiras, será colocado um medalhão de bronze, do escultor Leopoldo de Almeida, com o retrato de Álvaro Gaspar, jogador falecido há bastantes anos e que foi dos melhores avançados centros que têm passado pelo Benfica.

MÁRIO DE OLIVEIRA



# Parabens aos dirigentes lisboetas!

Notas e comentários à primeira jornada dos campeonatos de júniores

pelo dr. SALAZAR CARREIRA

**H**Á males que veem por bem. Os incidentes da lamentável organização inaugural da época, provocando salutar reacção no torneio imediato, despertou também no público um sentimento, primeiro de curiosidade (o português adora tudo quanto envolva escândalo...), depois de interesse satisfeito pela evolução dos acontecimentos.

A primeira jornada de campeonato de júniores, celebrada no domingo na excelente pista do Estádio do Lumiar, teve assistência «record», muito superior em número às melhores médias verificadas nos campeonatos da categoria superior — e a receita amealhada pela Associação excedeu aquela conseguida na soma das duas jornadas dos campeonatos de principiantes, nas Salésias.

Entusiasmo não faltou; o decurso das provas, animadas e de rija competição, e a organização quasi perfeita — a perfeição absoluta não é deste mundo — contribuíram favoravelmente para excitar o interesse dos milhares de pessoas que enchem por completo a imponente bancada do Estádio.

Houve o cuidado de informar pormenorizadamente o público, e assim se conseguiu, por exemplo, prender as atenções durante a longa prova de saltos em altura, com arrastados desempates que teriam sido considerados, sem o alicante de permanentes indicações, um aborrecimento intolerável.

O torneio começou uma vez mais com grande atrazo; existe uma desculpa parcial, porque na hora aprazada houve uma interrupção na marcha dos eléctricos e alguns delegados pediram, com fundamento, que se atendesse à circunstância, pelo prejuizo que lhes causava a ausência de alguns atletas. No entanto, nunca as provas teriam início à hora destinada, e compreende-se a reacção negativa geral porque o sol é demasiado ardente às 15 horas, que correspondem quasi ao pino da tractória solar.

É preferível escolher hora um pouco mais adiantada, sem prejuizo, pois no domingo a primeira corrida teve início às 16 horas e às 19,30 tudo estava concludo.

A pista e o local do salto encontravam-se em magnificas condições, as marcações eram nítidas e perfectas e a ordem no terreno foi impeccável. Parabéns aos dirigentes lisboetas.

## As corridas

O vento soprou bastante forte durante toda a tarde, favorecendo os corredores na reta final mas contrariando-os sensivelmente no resto da pista.

Todas as corridas foram empolgantes, não

lhes faltando os inevitáveis incidentes naturais, mas que os espectadores interpretaram cada vez de seu modo, conforme a cor predilecta. No fundo, nem uns nem outros tiveram razão, mas é assim a paixão desportiva.

A corrida de 150 metros reuniu 30 concorrentes, dos quais passaram às meias-finais sete sportinguistas, quatro benfiquistas e um belesense. Joaquim Silveira, com 17,1 s., marcou o melhor tempo desta ronda.

Das três meias-finais saíram vencedores o mesmo Silveira, com 17,2 s., Carlos Mendonça com 16,1 s. e Jorge Machado com 17,3 s., e a final, esperada com ansiedade foi empolgante de ponta a ponta do percurso.

Depois de uma falsa partida de Mendonça, os cinco homens partem impecavelmente e os clamores do público acompanham-nos desde os primeiros metros. Enérgico, rapidissimo, o «leão-gito» Silveira corta a meta destacado, em 17 s., seguido pelo camarada de clube, Machado, que após luta rija consegue bater o benfiquista Mendonça por um peito.

Foi esta sem dúvida a melhor prova da jornada; Machado, favorito da maioria, acusou a metragem do percurso, mas pareceu-nos também à beira da fadiga por excesso de preparação.

Na corrida de 1.000 metros alinharam 23 concorrentes, dez camisolas verde-brancas e sete encarnadas. Certamente com tática preconcebida, o pelotão, sportinguista tomou formação cerrada à cabeça do grupo e assim se manteve até à abalada final, quando cada um deu o mais que podia.

Na tribuna houve quem reclamasse, mas sem o mínimo fundamento porque a manobra foi legítima: qualquer adversário a quem ela não conviesse tinha sempre o recurso de esperar a entrada na reta e ultrapassar pelo exterior.

Como é infalível com pelotões numerosos e inexperientes (parece tornar-se indicados nestas condições, para melhor regularidade, o estabelecimento de eliminatórias que reduzam ao máximo de dez os finalistas), houve quedas e protestos reflexos no público mas ninguém poderia fazer legalmente mais do que lamentar o sucedido.

O sportinguista Humberto Bastos, em 2 m. 47 s., o melhor tempo do ano, venceu com autoridade, seguido por outro Bastos, José, este do Benfica, e quatro outros «leões», Castelo Branco, Parreira, Campos e Avelar.

A prova de 3.000 metros, com 21 corredores na pista, foi outro êxito sportinguista; o «encarnado» Aires da Silva adiantou-se na primeira volta, mas na imediata já tinha desaparecido da frente, substituindo-o um terceto: Afonso Marques, Jaime Martins e José Pirezias. O primeiro a breve se isolou e Pirezias retrogradou vendo Azevedo ocupar o seu posto, tomando mesmo a iniciativa da perseguição. Voltou a ser passado por Martins e acusou bastante fadiga no final, quasi alcançado por Serafim que conduziu muito mal a sua prova, atrazando-se inutilmente na cauda do pelotão durante as primeiras voltas.

O tempo de Afonso Marques, 9 m. 28,2 s., é bastante apreciável se ponderarmos a acção retardadora do vento forte.

A única estafecta, 3x300 metros, foi ganha pelo Benfica

e gerou reclamações infundadas dos affectos sportinguistas; inconvenientes de serem divulgados os preceitos regulamentares.

O caso foi o seguinte: os homens partem em linha, o do Benfica à corda e o do Sporting a dois. Saem na curva e o corredor sportinguista Artur Dias, adiantou-se logo e pretendeu tomar a corda antes da saída da curva, mas fê-lo sem ter ainda o avanço regulamentar de dois metros e foi tocado — por exclusiva culpa sua — pelos pés do homem que occupava a posição legítima à corda, caindo por terra. Demorou imenso tempo o levantar-se; à espera não sei de quê, e quando recomeçou a correr tinha oitenta metros de atraso.

Corajosamente os sportinguistas perseguiram os adversários, aproximando-se consideravelmente, mas conseguiram apenas terminar a um peito do representante do Internacional, com 2,4 s. de diferença do Benfica, o que representa uma recuperação de mais de cinquenta metros.

## Os concursos

A prova de salto em altura foi fraca, mas há que ponderar a influencia do vento fronteiro. João Seródio Gomes venceu com o habitual 1<sup>m</sup>.70 e mais cinco concorrentes passaram 1<sup>m</sup>.65. Depois de sete tentativas de desempate, Monteiro Batista conseguiu repetir a proeza, o que lhe valeu o segundo lugar. Este saltador é um caso tipico da influencia psicologica da altura da barra: usa estilo apreciável e transpõe a barra à vontade até ao 1<sup>m</sup>.70, e quando atinge essa altura modifica completamente a posição do corpo e perde-se ingloriamente.

Seródio Gomes prometia mais do que está fazendo; faz-lhe falta um inverno de aprendizagem no Gimnásio.

Luís Pinto Basto, lançador de méritos averiguados, atirou o peso a 15<sup>m</sup>.10, apenas nove centímetros abaixo do recorde, que está no seu alcance numa saída feliz. Resta-lhe uma única possibilidade de o conseguir nos próximos nacionais, pois mudará depois de categoria.

Carlos Faria, do Benfica, e António Feliciano, do Belenenses, occuparam os postos immediatos; ambos têm estofo, sobretudo o último, cujo estilo é ainda rudimentar.

Finalmente, no lançamento do dardo, o capapiano Ludovino Martins alcançou merecida vitória com 43<sup>m</sup>.30; já há um ano puz em realce a sua habilidade natural. Foi exclusivamente com ela que agora ganhou o seu primeiro titulo.

O internacional Luís Nunes, os benfiquenses Carlos Gomes e Carlos Faria, que o seguem na classificação são os únicos aproveitáveis no fraco lote dos participantes.

A classificação colectiva trouxe, desta vez, assentadas diferenças; o Sporting vai com 9 pontos de avanço sobre o Internacional e 13 sobre o Benfica, mas é cedo para cantar vitória, porque o próximo programa pode e deve alterar as posições relativas. Falta saber se o bastante para lhe fazer perder a posição privilegiada que occupa a-pezar-do seu desastre na estafeta.

## ACADÉMICOS DE COIMBRA

De ontem e de hoje — doutores e estudantes: inscrevei-vos sócios da vossa Associação Académica, que vos recorda o passado e vos faz vibrar no presente!

A Académica precisa de muitos mais sócios! Acudi-lhe!



*Nos desportos*

para manter as forças durante um esforço e refazer-se rapidamente da fadiga, deverão recorrer sempre a Ovomaltine. Alto valor nutritivo, preparação simples com leite, chá ou água, quentes ou frios, de extrema digestibilidade. É o reconstituinte sonhado pelo desportista.



**É UM PRODUTO WANDER**



Nos 150 metros: Joaquim Silveira ganha esta emocionante prova, batendo, entre outros, Jorge Machado e C. Mendonça, tidos como favoritos



ATLETISMO — Aspectos da Jornada

dos *Campeonatos Regionais de Júniores*

disputada na pista do Estádio do Lumiar



(Fotos Nunes de Almeida)

Afonso Marques corta a meta em vencedor dos 3.000 metros.

Meireles, Castro e Vitor Manuel do Benfica — a equipa vencedora dos 3x300 m.



Bela atitude de Jorge Machado, ao ganhar a 3.ª meta-final dos 150 metros, na qual obteve o mesmo tempo do vencedor da final.



O casapiano Ludovino Martins, vencedor do dardo.



Animada fase da prova de 3.000 metros. Ao fundo vê-se a elevada assistência que presenciou as provas



Fase da prova de 1.000 metros ganha por Humberto Bastos, que figura na fotografia com o n.º 168



38 anos ao serviço do desporto!

NO dia 2 de Agosto próximo o F. C. Porto comemora o 38.º ano da sua fundação. Está a ser elaborado um excelente programa de actividades, para o qual foi constituída uma comissão especial.

Desde 1906, larga tem sido a carreira do nosso campeão, vencedor de tantas vicissitudes e que acaba de inscrever em folhas de ouro um acontecimento inavulgar, para não dizer raro, no desporto português: gravar o seu nome seis vezes seguidas como campeão nacional de uma modalidade — «handball».

Bom será que este aniversário seja focado com o mesmo brilho com que o F. C. Porto tem projectado a sua acção em todas as actividades desportivas da nossa terra.

## E porque o não deveria fazer?

Um camarada nosso, apreciando a cedência do jogador Nogueira Cardoso (Pima), feita pelo «Vasco da Gama» do F. C. Porto, para o preenchimento da lacuna ocasionada com o castigo aplicado pela F. P. Handball ao jogador Fabião, diz o seguinte:

«Surpreende ainda mais por se tratar de um recurso de momento, e de nunca se pensar que o velho rival do F. C. Porto, nas lutas de «basket-ball», fosse capaz de, no caso em emergência, ceder o seu jogador representativo.»

Fois a nós, caríssimo colega, tal gesto não surpreende absolutamente nada. O contrário, sim — seria caso para perguntar a Alves Teixeira, nosso distinto camarada da imprensa desportiva, como se compreendia o desportivismo ao «Vasco».

Nunca duvidámos. Temos pela correção desportiva da gente vascaína a maior admiração, e, com este gesto, tal não existisse, tinham-na conquistado, absolutamente. «A letra deve dizer com a careta», é um adágio popular.

Rivals no campo, amigos fora dele. Que os do F. C. Porto não esqueçam este exemplo, isso é que será para desejar.

De resto, o desporto, bem compreendido, é assim mesmo.

E, já agora, parabéns ao «Vasco» pelo seu gesto de cortesia desportiva.

## O que se passará no Sport Clube do Porto?

Inexplicavelmente, o velho clube de Santa Catarina tem sofrido, de há anos para cá, uma diminuição de possibilidades em competições desportivas terrestres (não confundir com as aquáticas) que têm causado certa admiração.

Afastado do atletismo, onde os seus rapazes fizeram figura de vulto, o Sport acaba de sofrer mais um fracasso com a derrota sofrida em face do Salgueiros, no jogo de passagem para a 1.ª divisão da Associação de Handball do Porto. Já a posição do Sport na cauda da classificação nos espantou; agora surge a sua derrota, frente do campeão da 2.ª divisão!

Não nos levem a mal... — mas é caso para perguntar onde está o brio dos rapazes da camisola azul!

Será preciso que daqui lhas brademos também: S-p-o-r-t! Sport! Sport! Sport!

## Maré vazia no remo português

Continuaram a efectuar-se provas «contra a sombra», em diversas categorias de barcos, nos campeonatos regionais de velocidade, disputados há poucos dias. Que confrangimento isto provoca!

E o que vale é manter-se a rivalidade «velha e retilha» entre os dois grandes competidores: Fluvial e Sport. Se assim não fosse — que seria do remo português!

Mas causa pena que tanta canseira, tanto sacrifício e tanto entusiasmo tenham emorecido, declinado. Já as margens do rio quasi não se agitam com o vocer do populacho fanatizado pelas competições. Hoje, o entusiasmo em termos de barcos elevou ao máximo expoente ribeirinhos, mais ou menos simpáticos por um ou outro. São os marítimos, os remadores, os barqueiros, todos os profissionais do rio, que sentem ainda «formi-

## UM «RECORD» BRILHANTE

### O 6.º TRIUNFO SEGUIDO DO F. C. DO PORTO

#### no campeonato nacional de «handball»

A proeza cometida pelos atletas do F. C. Porto passou despercebida ao país, mesmo a quem tem do desporto não má ideia.

Não há memória de um caso semelhante em torneios capitais. Pode haver — e há, com certeza — clubes que tenham feito mais nos campeonatos regionais das diversas modalidades; mas o que não há ainda, seja em que espécie de desporto for, é um clube que consiga, mereço do esforço inteligente e desotado dos seus homens, a dedicação e amor civis elevados ao máximo expoente, realizar façanhas de tal tomo como a cometida pelo nosso campeão — conquistar o título de campeão nacional de «handball» durante seis anos, sem quebra, desde que tal título foi pôsto em disputa.

Há dois anos, no campo do Luso, por ocasião da disputa da final entre os campeonatos regionais de Lisboa e Porto, dizia um conhecido elemento do meio de reievo na modalidade na capital, a um dos seus adversários de momento: — «Não haverá meio de se conseguir que vocês, os veteranos, fôsseis desenganar? É que, com franqueza, todos os anos vemos as mesmas caras — e assim não conseguimos ganhar uma vez só. Bem queríamos ter esse glória, mas vocês não!».

De facto, entre os campos deste ano encontram-se três rapazes que há seis anos batalham e defendem as cores do seu clube com a mesma fé e o mesmo ânimo como o fizeram em 1939: Teófilo, Alberto e Guerra — um médio e dois avançados. Talvez porque o grupo se refresca quasi que intersepticamente, isto é, substituindo elementos por aí a parte em todo golpe a toada e vontade de vencer, mantêm-se sem quebras. Ganhar o campeonato nacional é como que uma questão de honra... Os jogadores do F. C. Porto dão ao acontecimento importância extraordinária e por isso não cedem.

# Stadium na Capital do Norte

## A SESSÃO DE PROPAGANDA PRÓ-ATLETISMO NORTENHO

### QUE A «STADIUM» ORGANIZOU NO PORTO

para a distribuição dos prémios do Torneio «Estreantes», [foi uma magnífica manifestação de carinho pela nossa Revista]

MUITO antes das 22 horas já o ginásio do F. C. do Porto registava uma assistência verdadeiramente invulgar, entre a qual se notavam algumas das figuras mais conhecidas do desporto nortenho, assim como os representantes da maior parte dos clubes portugueses que se dedicam ao atletismo — e estes, convidados, além de tudo, por determinação expressa do sr. Delegado da Direcção Geral dos Desportos. A direcção do F. C. do Porto, por sua vez, estava também representada — e muito bem — por três dos seus membros mais em evidência: srs. dr. Cesário Bonito, Luis Retumba e Pereira Osório.

O ambiente era de festa, de verdadeiro entusiasmo, inofensível demonstração do carinho e do interesse que tem despertado a nossa campanha em favor do atletismo português. E quando se chegou às 22 horas — a hora marcada para o início da nossa organização — faltava só a presença do sr. Mário de Carvalho, que se aguardava a todo o momento. Por motivos que desconhecemos, porém, o sr. Delegado da D. G. D. não compareceu, e então, quando passava já das 23 horas, deu-se início à sessão. Todos os desportistas presentes, apreciando com justiça o nosso esforço desinteressado em favor da modalidade, romperam numa vibrante aclamação à Stadium que se repetia nos cantos. De todos os lados ouvimos com imenso prazer as melhores palavras e os mais sinceros aplausos.

Foi, pois, em ambiente de franco entusiasmo que se deu início aos trabalhos, sob a presidência do presidente da direcção do F. C. do Porto, sr. dr. Cesário Bonito, que — pela direita — tinha o nosso camarada Eduardo Soares e o sr. Pereira Osório, e à esquerda o nosso colega de O Primeiro de Janeiro, sr. Joaquim Moreira Júnior, e o sr. Luis Retumba.

Primeiro falou o sr. dr. Cesário Bonito, que exaltou a magnífica obra da Stadium em favor do atletismo, e garantiu que o seu clube estará incondicionalmente ao lado de nossa revista em todas as suas salutaras iniciativas. Lembrou ainda a grata visita do nosso querido camarada dr. Salazar Carreira ao F. C. do Porto — mais uma admirável iniciativa da Stadium, disse — e fez várias considerações à volta da acção desenvolvida por Eduardo Soares, a quem chamou o português mais dedicado ao atletismo. A terminar saudou ainda todos os jornalistas presentes.

O nosso camarada Moreira Júnior agradeceu as referências feitas à imprensa.

A seguir usou da palavra o nosso camarada Eduardo Soares, que foi recebido com uma vibrante e demorada

aclamação quando os barcos tripulados pelos rapazes do Sport ou do Fluvial vão de roga arrancada, em demanda da meta, que está a ser disputada a qual custa a chegar, como se o rio tivesse um monumental iman que atraísse a quilha magnetizada da embarcação, não a deixando avançar...

E a esses, que passam todo o ano em luta com as correntes do Douro, que fazem de um barco e de um par de remos o seu galpão — a quem as provas de interesse, interessam, aliam o domínio e o entusiasmo! A população de além beira-rio quasi passam despercebidas...

Que diferença que tudo faz!

aclamação. Da sua palestra, recordamos os seguintes períodos:

«Cabe-me a honra de cumprir uma determinação da direcção da revista Stadium, apresentando em seu nome os mais respeitosos agradecimentos à exma. Direcção do F. C. do Porto, pelas facilidades que sempre nos tem concedido, e bem assim aos desportistas em geral, pela maneira carinhosa como têm sabido corresponder às iniciativas da Stadium em favor da salutar modalidade desportiva.»

Cumprida esta missão, limitar-me-ei a fazer ligeiras e breves considerações ao esforço desenvolvido pela nossa revista, no sentido de levar o atletismo português a voltar ao lugar de franco relevo que já desfrutou no desporto nacional.

E, na verdade, Stadium não se tem poupado a canseiras e até a sacrifícios materiais para tal conseguir. Primeiro, nas colunas da revista, publicando artigos técnicos e de doutrina exclusivamente construtiva; depois, trazendo até nós a palavra autorizada e de mestre do dr. Salazar Carreira, que aqui, neste mesmo ginásio, proferiu oração brilhantíssima; e, por último, organizando um torneio para estreantes, que nesta sessão de propaganda tem o seu melhor epítogo.

E de tal forma esta nossa campanha pró-atletismo português tem sido insistente, e de tal forma, por outro lado, os clubes (e seja licito entre estes colocar em primeiro plano o glorioso F. C. do Porto) têm sabido compreender e corresponder a esta nossa campanha, que pode já fazer-se uma afirmação — que parecerá há duas semanas filha de exagerado optimismo: a A. P. A. já tem directores!

É de facto lamentável que só agora, em 5 de Julho, se possa afirmar a existência de uma Associação de Atletismo em vias de reorganização, quando, na verdade, já em 27 de Abril passado os clubes haviam feito a indicação de nomes, para os futuros corpos gerentes, ao último presidente daquele organismo.

Não se compreende muito bem este comodismo, que certamente se manteria por toda a época se não fora a acção enérgica e verdadeiramente salvadora da Direcção Geral dos Desportos. O que é preciso agora é que se varra a lembrança dos tristes e lamentáveis factos de um passado construído por maus desportistas — homens que aceitaram cargos só por mera questão de vaidade pessoal, ou por incoscência...

Mas o que interessa agora é o futuro — e é para ele que, mereço da salutar acção da Direcção Geral dos Desportos, foram eleitos os novos corpos gerentes da A. P. A. que se impõe portanto o orden, disciplina, trabalho — e acima de tudo amor e dedicação para ao atletismo — predicações que não faltam aos novos dirigentes.

Chegados portanto a esta situação, que se apresenta risonha e animadora, visto que a «crise» da A. P. A. foi definitivamente resolvida, resta que cada um de nós — aqueles a quem o atletismo na verdade interessa — colaborem na futura obra de ressurgimento da modalidade, sem ardeuses, sem falsas paixões clubistas, colocando acima de tudo o verdadeiro ideal desportivo. E por tudo isto, também, Stadium sente que está felicemente cumprida a primeira fase da sua campanha pró-atletismo português; sente, sem vaidades balofoas, que venceu a sua primeira batalha e que foi — o que é mais importante — admiravelmente compreendida, porque a solução definitiva da crise da modalidade é um facto!

Promete ela, agora, a sua desinteressada colaboração — tão desinteressada como tem sido até aqui — aos novos dirigentes da A. P. A., oferecendo-lhes as suas colunas para a indispensável propaganda de uma causa que os maus deixaram em estado lamentável.

Stadium cumprirá — e promete continuar na sua missão. Os outros que cumpram a sua...»

Ao pronunciar as suas últimas palavras, o nosso camarada foi alvo de uma manifestação de simpatia verdadeiramente invulgar, ouvindo-se de novo calorosas aclamações à Stadium.

Por último, Eduardo Soares fez a entrega da taça «Dr. Salazar Carreira» ao sr. dr. Cesário Bonito, presidente do F. C. do Porto, solicitando deste, ao mesmo tempo, a incumbência de proceder à distribuição das medalhas pelos atletas melhor classificados no nosso torneio — o que deu motivo a novas manifestações de simpatia.

E assim terminou uma festa, que apesar de, por motivos imprevistos, não ter decorrido de harmonia com o programa previamente anunciado com autorização superior, foi uma grandiosa manifestação de vitalidade desportiva — e serviu, de maneira admirável, para pôr em evidência a simpatia com que os desportistas portugueses têm seguido e acarinhado a nossa campanha pró-atletismo nortenho.

Só por isso, Stadium sente-se bem compensada dos sacrifícios feitos!

## IMPRENSA

### «O VOLANTE»

Salu no dia 5, como habitualmente, este conhecido jornal técnico de automobilismo, agora ampliado com duas páginas de assuntos inter-nacionais. O presente número, além de publicar um artigo sobre o projectado circuito automóvel no distrito de Coimbra, insere uma interessante entrevista com o corredor Vasco Semedo, chegado recentemente do Brasil.



## O I. S. Técnico continua campeão pelo sexto ano consecutivo

A jornada das finais do campeonato de Lisboa, organizada, com impecável cuidado, na quinta feira passada, à noite, no ginásio do Instituto Superior Técnico, foi um grande triunfo para a propagação da modalidade e, ao mesmo tempo, a consagração da sua categoria desportiva e da sua popularidade.

Assistiram aos jogos alguns milhares de pessoas, elevada percentagem de senhoras e altos representantes das hierarquias desportiva e social. Houve sempre entusiasmo, sentimento que só é possível desenvolver-se em ambiente de interesse, e o calor das manifestações nunca arrefeceu durante as três horas que duraram as sete partidas dos três encontros.

Os jogos foram todos de elevado valor técnico, pois as categorias de cotação inferior reuniam, por circunstâncias especiais, certa maioria de elementos com lugar merecido em qualquer categoria de honra; a menos boa das três finais — em merecimento técnico, claro, porque foi em contra-partida a mais emocionante da noite — foi a de segunda categoria, a respeito da qual se pode afirmar que ambos os contendores se viram na necessidade, em momentos críticos, de reforçar a linha, fazendo entrar em campo, a substituir os titulares, alguns jogadores que tinham acabado de disputar a final de terceira categoria.

O formidável duelo Técnico-Internacional decidiu-se a favor do primeiro, por duas vitórias a uma, mas no encontro principal pôs em evidência tão esmagadora superioridade dos campeões que a toda a gente, mesmo a quem confiava na vitória do Técnico, a pontuação final surpreendeu e desiludiu.

Esperava-se luta severa e renhida: afinal verificou-se que os fortíssimos rematadores do «Cif» foram incapazes de somar pontos que dessem sequer à competição um vislumbre de incerteza emotiva. Parece-nos que as culpas principais do fracasso se devem atribuir aos levantadores da equipa, que só muito raramente souberam servi-los em condições; Rui Bravo foi, dos três rematadores, aquele cujo parceiro melhores oportuniades ofereceu, mas, ao inverso, Câmara Pereira — que consideramos o mais perigoso pelo ângulo do seu remate — apenas duas vezes o pôde aplicar em condições decisivas.

Registemos que na grande final o Técnico alinhou Fernando Frade, Mendes de Almeida, João Arruda, David Cohen, Manu I Bágulo e António Fonseca, aos quais o Internacional opôs Manuel Vinhas, José Maria Trocado, Mário Lemos, Rui Bravo, Raúl Peláez e Câmara Pereira.

O resultado foi de 15-4 e 15-1, com catorze pontos consecutivos para o Técnico, na segunda partida, sendo nove no mesmo serviço.

O confronto dos pontos é elucidativo: o Técnico possui uma forte equipa de «volleys»; o Internacional conta com seis fortes jogadores de «volleys». Não é bem a mesma coisa — e o resultado está à vista.

Se os considerarmos separadamente, em confronto individual, os componentes dos dois grupos equivalem-se em valor; mas o somatório destes valores resultou, embora pareça paradoxal, muito dispar nos dois campos.

Nas categorias inferiores, cada clube alcançou seu título; o Técnico em 3.<sup>as</sup>, o Internacional em 2.<sup>as</sup>.

A final de 3.<sup>a</sup> categoria lembrava um jogo entre os maiores de há anos atrás; no grupo dos «engenheiros» figuravam Cavaco, Vasconcelos e Serpa Pimentel; no grupo oposto Henrique Anjos, Matos Chaves e José Barros.

O Técnico apanhou rapidamente a primeira partida, por 15-7, mas na segunda o adversário chegou a ter vantagem de seis pontos e perdeu o último por imperdoável excesso de visão.

O jogo foi muito agradável e a arbitragem do sr. Carvalho Heitor, discutida num pormenor que nos parece fundamentado em qualquer duplicidade de textos das leis, foi muito acertada e imparcial, merecendo aplausos sem fa-

vor. Isto diz-se já, para fundamentar o que mais abaixo passa a escrever-se.

O juiz marcado para a final de segunda categoria não compareceu, e o sr. Heitor prestou-se a repetir o serviço; em má hora o fez, porque a natural fadiga resultante de prolongado esforço de atenção traduziu-se nele em intenso enervamento, que lhe cerceou por completo as faculdades de julgamento. Perdeu, assim, pouco a pouco, a confiança em si próprio, e os acontecimentos arrastaram-no na voragem; não o condenamos, antes pelo contrário nos pareceu, em condições normais, um árbitro competente. Apenas foi vítima da sua boa vontade de servir e da pouca desportiva exteriorização de sentimentos por parte de alguns jogadores, a qual ele não soube reprimir a tempo.

Neste agitado encontro, o «Cif» ganhou a primeira partida por 15-10, mas o Técnico fez entrar Pedro Vasconcelos e substituiu ainda Neto, manifestamente desmoralizado por sucessivos falhanços, e a luta mudou de feição na segunda partida, que o I. S. T. venceu com 15-8.

A partida de desempate foi empolgante e agitada; o Técnico chegou a 20-17, mas o Internacional reagiu e recuperou a igualdade. Descobriu-se então que no «Cif» haviam mudado a posição de dois jogadores, mas os pontos obtidos foram validados, o que é contrário a letra expressa da lei, e os alvi-negros arrancaram, entre ovações e clamores confusos, um triunfo que se aceita como natural, porque haviam sido eles os mais prejudicados pelo nervosismo do árbitro durante a fase crítica do encontro.

ESSECE

Sombrieros

Barracas PARA PRAIA

Tendas E MATERIAL

DE

ACAMPAMENTO

Consulte sempre a

SOC. INDUSTRIAL

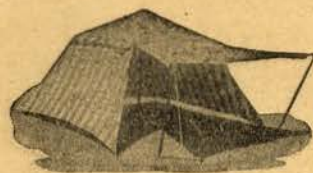
DE TOLDOS E

ENCERADOS

R. Vale S.<sup>to</sup> António, 59

TELEF. 2 5357

LISBOA



Toldos de sistemas aperfeiçoados

### «Taça Herbert Good»

O Sporting Clube de Portugal promove, anualmente, a disputa da «Taça Herbert Good», de cujo programa constam provas de atletismo, natação e tiro. Aos três primeiros classificados nas três modalidades são atribuídas medalhas, independentemente de duas medalhas conferidas aos dois primeiros classificados na prova de tiro. O torneio da «Taça Herbert Good» é reservado a sócios do Sporting.

A inscrição, que é grátis, está aberta na secretaria

PUGILISMO

## UM CASO DE ARBITRAGEM

Considerações de Rafael Barradas

CONFORME temos tido ocasião de ensinar nestas colunas, a função de árbitro é difícil e não está ao alcance de toda a gente.

Além das dificuldades de pura técnica, consequência do regulamento do jogo, há que contar com as surpresas inevitáveis do combate e com o ambiente. Por tudo isso, somos de opinião que o público tem por dever facilitar o trabalho do «terceiro homem» e que os organismos dirigentes devem fazer o possível por prestigiar a colectividade, criando um colégio de árbitros onde se ventilem, em pormenor, todos os aspectos e assuntos que se relacionam com a função.

Depois dêsse organismo entrar em pleno labor e rendimento, é relativamente fácil seleccionar e catalogar os árbitros, formando um escol cheio de autoridade e prestígio, sem o que não será fácil melhorar o pugilismo profissional português.

Sobre muitos assuntos, os juizes-árbitros nacionais têm opiniões pouco seguras e exactas, como tivemos já ocasião de ver. Devem os nossos leitores estar recordados de que, no último espectáculo efectuado no Estádio Mayer, certo pugilista abandonou a luta em determinado momento. Sobre essa atitude e consequências publicámos o parecer e a crítica que vinham a propósito.

Julgámos o caso bastante claro e suficientemente esclarecido.

O abandono de um pugilista em plena acção não pode ser um acto que dependa só da própria vontade. Está condicionado e sujeito a sanções, se não houver motivos ponderosos que tornem lícita e aceitável a sua defeccção.

A propósito, vamos transcrever o artigo 86.<sup>o</sup> do Regulamento da Federação Nacional Francesa de Boxe, o qual determina, sobre o abandono dos jogadores durante as provas, o seguinte:

«Qualquer pugilista que abandone o combate será proclamado vencido por *knockout*, sem prejuízo das sanções federativas que po-

derão ser-lhe aplicadas, se o motivo do abandono não for reconhecido e justificado pelo árbitro ou pela maioria dos juizes, os quais consultarão para esse fim o director do combate».

O problema acha-se resolvido, tanto na França como algures (sem nomearmos a Inglaterra ou os Estados-Unidos, por desnecessário e curial...) como se vê pela leitura do articulado: a declaração ou indicação de abandono é, pura e simplesmente, o reconhecimento da derrota por K. O.

Se os médicos ou o árbitro acharem que a atitude do jogador se coaduna com o seu estado físico, não haverá sanções federativas. Na hipótese contrária, isto é, se a inferioridade se não reconhecer, o pugilista será punido por fraude.

Há, porém, leitores que não se convenceram e que persistem na crença de que: 1.<sup>o</sup> o árbitro não é competente para avaliar dos motivos que obrigam determinado jogador a desistir; 2.<sup>o</sup> a desistência e o fora-de-combate são coisas diferentes em absoluto.

Por ter chegado até nós o conhecimento destas opiniões em pessoas que estão ligadas directamente ao pugilismo profissional, achamos conveniente ventilar o assunto.

Resumindo, pois: aos árbitros cabe o dever de aceitar a desistência de um jogador que, manifesta inferioridade física e técnica, reconheça a sua derrota. Para todos os efeitos a decisão é «fora-de-combate». Mas compete aos mesmos árbitros declarar batido o jogador que, sem motivo aparente ou confirmado pelos médicos, prefira retirar-se do «ring» em boa condição física, só para evitar uma punição que teme e que não lhe agrada.

Neste caso, o árbitro deve fazer um pequeno relatório apenso ao boletim, no qual considera injustificada a desistência e argumenta sobre o assunto.

Julgamos que, desta vez, não ficarão dúvidas no espírito dos leitores que defendem pontos de vista divergentes do nosso...





HOCKEY EM CAMPO — No jogo Ramaldense-Boavista: 1 e 2 — Como foram marcados o 2.º e o 3.º «goals» do Ramaldense. CICLISMO — A corrida Pôrto-Vila Real-Pôrto. 3 — Os cinco primeiros ciclistas chegados ao Estádio do Lima dando as três voltas ao campo. 4 — Moreira, do F. C. Porto, corta a meta, seguido de Império dos Santos e de Aniceto Bruno



2

VIAJANDO NUMA  
**FLECHA**  
a bicicleta da actualidade

**A ILUMINANTE**

Avenida Almirante Reis, 6—Largo do Intendente, 11-17  
TELÉFONES: 481967 E 51146 LISBOA



3

4

A sessão de propagan da do atletismo organizada pela "STADIUM" no F. C. Pôrto  
A nossa revista promoveu há dias mais uma sessão de propagan da em favor do atletismo na capital do Norte. Efectuou-se na sede do F. C. do Pôrto, com volumosa assistência, e serviu de pretexto para a entrega dos prémios do torneio de Estreantes, também organizado pela nossa Revista. A fotografia mostra o nosso redactor Eduardo Soares entregando ao presidente do F. C. do Pôrto, dr. Cesário Bonito, a taça «Salazar Carreira», prémio colectivo do referido torneio





# Em Portugal também se faz montanhismo!

**O**LHAMOS sempre com entusiasmo as fotografias que nos vêm de fóra, e mostrom as escarpadas e magestosas alturas dos Alpes ou dos Pirineus, com arrojados montanhistas nas mais difíceis e arriscadas escaladas. A beleza rude do panorama emocionam-nos e faz vibrar o nosso sentimento de românticos; a aventura do montanhista que se debruça sobre os abismos fala em linguagem amiga ao nosso temperamento de impulsivos. O montanhismo, em suma, atrai-nos com todo o seu «poder» mixto de beleza espectacular e de grandeza emocional!

Mas que temos feito nós, apesar de tudo isso, por esta manifestação desportiva tão rica em pormenores de salutareos efeitos físicos, morais e intelectuais?

Nada — ou muito pouco! Contentamo-nos com olhar essas fotografias que o estrangeiro faz chegar até nós, e ficamos a contemplá-las soltando o comentário injusto: «que pena em Portugal não ser possível a prática do montanhismo!...» E este comentário faz-se devido ao desconhecimento que o português tem da sua própria terra... Sabe-se: o português deseja conhecer Paris, Londres, as Américas, o Mundo inteiro mas já nunca pensa em inebriar-se com o perfume dos Jardins de Sintra, ou em sentir a vertigem nas alturas da Serra da Estrela. Não admira, pois, que ignore a existência em Portugal de elevações onde o montanhismo pode ser praticado com as mesmas arriscadas escaladas e idêntico ambiente panorâmico ao que lá de fóra nos é mostrado através da imagem.

Repate o leitor nas gravuras que ilustram esta crónica — e confesse: não diria pertencem ao arquivo de qualquer organização turística estrangeira?

Pois enganava-se redondamente. Essas paisagens surpreendentes de côr e de recorte irregular, onde os precipícios são paradoxalmente belos e horríveis; essas montanhas que desportistas ousados tentam vencer, escalando as suas alturas quasi inaccessíveis — tudo isso é de Portugal e de portugueses! Em Portugal também se faz montanhismo!

Manifestação desportiva que se pratica longe dos Estádios e da multidão ululante, ciosa de ídolos que ao depressa adora como escorraça — dando-lhes vida efêmera e illusória; manifestação desportiva que tem o seu campo de acção em pleno ar livre — o montanhismo desenvolve as qualidades físicas, pelo exercício; as qualidades morais, pela serenidade e beleza do ambiente espectacular; as qualidades intellectuais, pelas exigências que pede ao cérebro na luta contra os imponderáveis dos precipícios. Um desporto completo! — resumindo.

Primeiramente organizados sob a denominação de «Equipa Independente «AS», o dr. Jorge Santos e João Azuaga — são estes os desportistas a quem nos referimos — entreteram-se durante largo período a fazer isoladamente o seu desporto preferido.

Mais tarde, o seu entusiasmo contagiou novos personagens — e em breve foi fundada a Liga Nacional de Montanhismo. Mais elementos se aproximaram; mais vontades, mais entusiasmo — e muito naturalmente a primeira colectividade deu lugar a outra, já com organização própria e de harmonia com as ordens de Direcção Geral. Estava criado o **CLUBE NACIONAL DE MONTANHISMO**, que hoje dispõe de uma organização sólida e de vida próspera. E a sua organização é tão sólida, que dispõe já de vários núcleos (filiais) espalhados pelo país, que são outras tantas firmes vontades a trabalhar por esta manifestação de insosfismável valor.

Mas, para que se chegasse à risonha realidade de hoje, foi necessário muito trabalho de propaganda, em que andaram desinteressadamente empenhados o dr. Jorge Santos, clínico distinto, de que a cidade do Pôrto muito justamente se orgulha, e João Azuaga, seu companheiro de sempre.

Há dias, encontrámos, casualmente, o dr. Jorge Santos. E a oportunidade foi aproveitada pelo jornalista...

— Está satisfeito com o «seu» Clube de Montanhismo?

— Satisfetíssimo — é o termo. No Pôrto contamos já com 44 associados, metade dos quais são praticantes. Vamos agora, por isso, iniciar os treinos de preparação dos «guias» (chefes de cordada), para depois nos ser possível dar início à competição propriamente dita. E compreende-se: esta não pode ser começada enquanto não tivermos gente capaz de comandar uma das equipas que se formem...

— Onde são feitos os treinos?

— Aqui perto da cidade. Não em altas elevações porque não as há, nem mesmo seriam de aconselhar para treino de autênticos principiantes, mas em terrenos rochosos, que permitam dar a conhecer os segredos da escalada a quem se inicia. E, a dois passos do Pôrto não faltam essas elevações rochosas: Valonga, Pias, Vale de Ferreiros...

— Mas em Portugal há elevações capazes de servirem para a competição montanhista?

— Sim, senhor. No sistema do Alto Minho não faltam; e ainda no Marão, na Estrela, etc.. Contudo, deixe-me dizer-lhe que a serra portuguesa ideal para o montanhismo é a do Gerez. Admirável, bela e perigosa essa serra do Gerez. Tem todas as condições para o montanhismo: alta elevação, muitas escarpas. Os «meus» rapazes lá irão, quando estiverem devidamente preparados...

Pelo que aqui fica, já vê o leitor que em Portugal pode fazer-se montanhismo — e já se faz, o que é mais alguma coisa...  
Eduardo Soares



Natureza morta... O equipamento completo do montanhista, que repousa, mais além, enquanto que a bandeira desfraldada simboliza a sua vitória...



Escalada em curso; para treino, na Serra de S. Justa-Valongo



Impressionante fase de uma escalada, em que o dr. Jorge Santos pôs à prova os seus vastos conhecimentos de montanhista

Na serra do Gerez. O montanhista venceu os difíceis obstáculos que a Natureza lhe oferecia, e agora, a mais de 800 metros de altitude, ei-lo a gozar o espectáculo grandioso que os largos horizontes lhe proporcionam...





# Acontecimentos da Semana

## NO PAÍS

**BASKETBALL** — Em continuação do campeonato nacional corporativo, zona de Lisboa, verificaram-se mais os resultados seguintes: S. P. Seguros-Grémio de Arroz, 22-17; Material de Engenharia-Vacuum, 24-17; B. S. B.-Pórtio de Lisboa, 30-12; Mascote-Emissora, 20-14; Progresso Mecânico-Grémio dos Vinhos, 20-13; Armazenistas de Mercaderias-Gás e Electricidade, 20-13; Lavoura de Torres Vedras-Espírito Santo, 30-18; Indústria de Montagem-Lucas, 31-8; União Fabril-Loica de Sacavém, 42-15; E. N. P. (Diário de Notícias)-E. G. T., 30-21; Livraria Bertrand-C. T. I. f. c.

— As equipas representantes de Telegrafistas e de Cavalarias 2 classificaram-se para disputar o título de campeão militar da Região de Lisboa.

**CAMPISMO** — Começou nas Penhas da Sadde o acampamento campista promovido pelo Clube Nacional de Campismo.

**HÁNDBALL** — Apesar de empatar com o Belenense, por 1-1, na Estréla, o Sporting classificara-se já campeão de Lisboa de júniores.

— O campeonato militar decidiu-se entre os grupos de Trem Automóvel e de Sapadores dos Caminhos de Ferro.

**HIPISMO** — O alferes Granate, montando a égua «Inquisidora», ganhou o Grande Prémio, do Concurso do Pórtio, dotado com a taça «Clamara Municipals». A taça «Alfredo Ferreras», prova que reúne cerca de cinquenta inscrições, foi ganha pelo alif. Henrique Caiado, no «Vouga».

**TÊNIS** — Principiou a disputar-se o campeonato individual de 2.<sup>as</sup> categorias.

**TÊNIS DE MESA** — «A Taça de Honra», competição individual da especialidade que sucede ao campeonato de Lisboa, foi ganha por Júlio Costa, dos Combatentes, que, na final, bateu o seu compaheiro de clube, Gumerzindo Silva, por 3-2.

**TIRO AO ALVO** — Concluiu-se a prova «Armando Murta» ganha individualmente por Guilherme Guedes, do Benfica. O vencedor fez 16 pontos, mais um que o «récord» de Raúl Bastos, do Sporting. Em segundo lugar ficou Luis Real, do Sporting, com 141 pontos, e, em terceiro, o benfiquense Ben Dias. Por equipas, classificaram-se: 1.<sup>o</sup> Benfica (os dois citados e Dionísio Magro

140 p.), com 426 pontos; 2.<sup>o</sup> Sporting, 408; 3.<sup>o</sup> Ateu Comercial, 407; 4.<sup>o</sup> Atlântico, 404; 5.<sup>o</sup> Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, 392.

— Na carreira da F. N. A. T. disputou-se uma prova entre funcionários daquele organismo corporativo e da Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau. Augusto Soares (F. N. A. T.) ganhou individualmente, com 148 pontos, seguido do Felzer da Costa (146) e Eliano Rodrigues (145), todos da F. N. A. T. cuja equipa venceu a prova com 207 pontos. O grupo da C. R. C. Bacalhau fez 287 pontos, representado por Felgueira da Silva, Oliveira Martins e dr. Nunes de Carvalho.

**VELA** — Na regata oceânica a Sesimbra e volta, «Viking» classificou-se vencedor, seguido do «Santa Cruz», «Árgo» (primeiro em S. M. A. T. e «Saba». Dos três barcos que partiram de Lisboa 20 nove chegaram à baía de Sesimbra e cinco ao Estoril.

**VOLLEYBALL** — Nas últimas partidas do campeonato de Lisboa (1.<sup>o</sup> Divisão) verificaram-se os resultados seguintes: Fósforos-Marvilense, 2-0; Ateu Comercial-Hockey, 2-0; Futebol Benfica-Monte Pedral, 2-0; Olímpico-Peña, 2-0.

## NO ESTRANGEIRO

**ATLETISMO** — Em Gara (Milão), Alfredo Consolini lançou o disco a 50,42 metros.

**BASKET-BALL** — Em Santander bateu-se há dias o «récord» de pontos marcados num encontro de «basket». A prova pertence ao clube local, que derrotou o Victoria por 100 a 2. A mesma equipa venceu a do «Valladolid» por 29-23, ganhando, assim, o campeonato da Frente de Juventudes (Sector Norte).

**BILHAR** — Decorreu com muito interesse o campeonato de Castela, na vizinha Espanha. O antigo campeão, Sevilla, derrotou Oro, que se portou de maneira a merecer o título, pois ganhou as três partidas (quadro) a 400 caramolas. Na 1.<sup>a</sup>, o resultado foi de 400 a 299, em 26 tacadas; na 2.<sup>a</sup>, 400 a 377, em 53; na 3.<sup>a</sup>, 400 a 282, em 53. No total, 1200 a 952, em 131 tacadas. Os dois jogadores exibiram-se abaixo das suas possibilidades, fazendo fracas médias: 9,16 e 7,31.

**CICLISMO** — Os espanhóis vão estar em constante actividade no corrente mês, pois o calendário de provas oferece, nem mais nem menos, seguinte: no passado dia 2, 43.<sup>o</sup> campeonato de Espanha, de fundo (Madrid); em 7, «Prémio San Fermín» (Pamplona); em 9, «1 Volta a Alisas» (Santander) e campeonato de veteranos da Andaluzia (Sevilla); de 12 a 16, 4.<sup>o</sup> «Volta à Cantabria»; em 16, III «Circuito de Ribera de Las Delicias» (Saragosa); em 19, III «Circuito de Sarona»; em 23, 4.<sup>o</sup> Campeonato de Montanha da Catalunha e uma prova de rampa (Madrid); em 25, campeonato da Catalunha, de fundo, e IV «Gran Prémio Cifesa Madrid» — Valéncia.

**FUTEBOL** — Os espanhóis, acabadas as competições, nem por isso deixam de pensar no futebol. Toda a atenção dos adeptos do desporto-rei está, agora, a convergir sobre as transferências de jogadores. Os principais clubes pensam a sério nas equipas a apresentar na próxima temporada e adquirem, dispensam e permutam jogadores... Uma das notícias mais sensacionais é a da aquisição feita pelo Real Madrid, do interior José Luis Borbolla, das figuras máximas do futebol mexicano.

No Estádio do River Plate, deu-se, há dias, um grave desastre. À saída de um desfile de futebol, que fôra presenciado por 60.000 pessoas, a escadaria de acesso a um dos sectores ruíu e arrastou consigo cerca de 500 pessoas, registando-se 6 mortes e cerca de 70 feridos, alguns dos quais em estado grave. Foi ordenado um inquérito.

**HÁNDBALL** — O campeonato da Alemanha foi ganho pelo Spog, de Berlim, que derrotou o L. S. V., de Hamburgo, por 10-7.

**HIPISMO** — Os concouristas espanhóis não têm mãos a medir. Depois do Concurso Internacional de Madrid, disputou-se o de Barcelona e, agora, o de Chamarrina. Neste, uma das provas mais importantes foi, sem dúvida, a «Taça da Federação Hipica Espanhola», disputada por equipas representativas das diversas Sociedades Hipicas Espanholas. Este ano, venceu a representação do Club Pineda, de Sevilla, composta do comandante Bulnes e capitães Gavillan e Pente, montados, respectivamente, no «Madroño», «Libéana» e «Añoover de Tajo», com 7 pontos, em 3 m. 39 s. 7/10. Em 2.<sup>o</sup> lugar classificou-se a equipa da Real Sociedade Hipica Club de Campo (capitães G. Cruz e Pegés e Goyaga) com 7 pontos, em 3 m. 43 s. 7/10.

**NATAÇÃO** — Quando começava a ser inquietante a falta de notícias acerca da nadadora dinamarquesa Jenny Kammergaard, que em Oestersund se entregara a treinos do seu desporto predilecto, soube-se que se encontrava sã e salva, em Seeland, depois de ter sido socorrida por uma patrulha alemã. Jenny permaneceu na água, durante 43 horas. Uma bagatela...

**TÊNIS** — O II «Concurso de Castela», jogado nos «cours» do Club Velasquez, proporcionou as vitórias de Eugénio Espinosa de los Monteros e Pilar Carvajal, nas provas de «singulares».

## A VITÓRIA DO ATLÉTICO e a desistência do Guifões

### A Casa Pia A. C. campeão regional de júniores

**N**ÃO podemos deixar de lamentar o caso do Guifões. Mercê das vitórias que obteve sobre o Lisgás e o Operário, devia este grupo disputar com o Atlético a final do campeonato da 2.<sup>a</sup> divisão. Mas, como o encontro tinha de ser jogado em Lisboa — o sorteio assim o indicou — o clube nortenho, alegando insuficiência de fundos para arcar com prováveis prejuízos provenientes da sua deslocação a Lisboa, achou por bem desistir do encontro.

É pena. A final coraria esforços e energias perseverantes e este jogo seria como que a cúpula de um edifício construído pelas dezenas de jogadores que, durante dez semanas, mediram forças com os olhos fixos num título de campeão.

E assim, é o Atlético, ex-campeão de Lisboa, o vencedor da 2.<sup>a</sup> Divisão. Grupo dos mais fortes que se apresentaram a disputar este torneio, a vitória que alcançou, apesar do facto sucedido, é das mais justas e talvez das mais compensadoras, se atendermos no que a modalidade deve a este jovem clube, e ao seu antecessor — o União de Lisboa.

E, a propósito da desistência do Guifões, perguntamos: Não será possível, na próxima época, a-fim de evitar o facto ocorrido neste ano, constituir um fundo destinado a compensar os prejuízos ocasionados aos clubes que, sendo mais pobres, não podem suportar deslocações longas e dispendiosas? Talvez que a experiência colhida noutros campos do desporto fôsse de considerar neste caso.

Igualmente terminou o campeonato de Lisboa da categoria de júniores. Ganhou-o o Casa Pia A. C., conquanto esteja, ainda, pendente de resolução o recurso apresentado pelo Boa-Hora, o qual foi já julgado, em primeira instância, pela A. B. L. e tido como improcedente.

De qualquer maneira, pode dar-se este torneio como terminado. Os ensinamentos que dele se colheram farão com que os organizadores das futuras competições desta categoria penderem melhor os respectivos regulamentos.

Espera-se, no entanto, que dê, num futuro mais ou menos próximo, os frutos que dele se esperava colher.

É uma necessidade, e das mais imperiosas, que as categorias superiores sejam refrescadas com gente moça. Se assim acontecer, bem haja a época de 1943-1944, que a par da vida nova que veio dar ao «basket» nacional, trouxe para as pugnas desportivas mais adeptos e mais praticantes, que rejuvenescendo os respectivos quadros, vêm erguer o nível físico e desportivo do País.

## DESPORTOS DO «STICK»

(Continuação da pág. 6)

No «hokey» em patins, o Paço de Arcos cedeu um ponto — preciosíssimo, na emergência — diante do H. C. Sintra: empatou, «em casa», por 3-3, tendo estado duas vezes a perder, 0-2 e 1-3. Foi esta a primeira grande surpresa da competição, que, anteriormente, nos fornecera já o empate C. Ourique-Benfica e a derrota dos «encarnados» contra a Académica e, depois disso, a vitória do Benfica sobre o F. Benfica. Quere dizer, em síntese: a prova começa, realmente, a apresentar interesse.

Sucede até que a valorização da luta para o segundo lugar — com vista à entrada no campeonato nacional — ganha mais ainda com aqueles resultados «de inspiração»!

Uma nova, para fechar: no domingo inaugura-se mais um «rink», o de Estremoz. É um melhoramento — e um acontecimento, pois garantem-nos que o recinto ficará o melhor do país. Pode ser até que, para o ano, tenhamos alentejanos e algarvios interessados no «hokey».

JORGE MONTEIRO

## T. S. F.

### Reparações e Montagens

Laboratório montado com a mais aperfeiçoada aparelhagem técnica, europeia e americana

### Agentes de Vendas

A. E. G., Luxor, Schaub, Tefag, Telefunken, etc.

## J. CUNHA BARRETO

Travessa Nova de S. Domingos, 9-2.<sup>o</sup> D.<sup>o</sup>

Telefone 29808

LISBOA

Preços especiais aos consócios do S. L. B.

## O ANALGÉSICO DOS DESPORTISTAS

Composição: Mentholum 8 grs. - Methylum Salicylicum 8 grs. Lanolinum Anhydricum 16 grs.



Dr. BENGUÊ, Farmacêutico de 1.<sup>o</sup> classe pela Faculdade de Paris

Eficaz em: entorses, luxações, contusões, traumatismos e dores musculares e em geral. Alívio rápido após a primeira fricção.

À venda em qualquer farmácia.

ESCUDO 15\$00

## TIRA NODOAS CRUZAL

é indiscutivelmente o melhor

A' venda nos estabelecimentos JERÓNIMO MARTINS & FILHO

RUA GARRETT N.º 17





**ÁGUA DE LUSO**  
PADRÃO DAS ÁGUAS DE MESA  
A MAIS FINA E A MAIS PURA

DEPOSITÁRIO:  
**ANTÓNIO NEVES, L. DA**  
AZINHAGA DA TORRINHA (AO RÉGO) LISBOA

**RELÓGIOS**



UM EXCLUSIVO DA OURIVESARIA E JOALHARIA

*Barreto & Gonçalves, Limitada*  
Rua Eugénio dos Santos, 17 — Lisboa

**TRÊS MODÉLOS AOS PREÇOS DE**  
**200\$00 — 220\$00 — 250\$00**

**CERVEJARIA**  
**PORTUGAL**

CAFÉ  
RESTAURANTE  
BILHARES

RUA DA PALMA, 206 — LISBOA  
Telefone 2 9034

**TUDO PARA TODOS**  
OS DESPORTOS

**CASA SENNA**

48-R. NOVA DO ALMADA-52

**BILHARES E SEUS PERTENCES**  
**JOGOS DIVERSOS PARA**  
**CLUBES E FAMÍLIAS**

*Para uma camisa chic*



só  
**Casanova**

*O camiseiro do homem distinto*

RUA DA PALMA, 69  
TELEFONE 2 1457  
L I S B O A

**Casimiro do**  
**Rosário, Limitada**

**ARMAZÉM NAVAL (REGISTADO)**  
FUNDADO EM 1898

*Fornecedores*  
*das principais empresas de*  
*navegação, cercos e armações*  
*de pesca*

*Especializados em aprestos para*  
*barcos de recreio*

LISBOA  
Rua dos Remolares, 13 a 19  
1-D, Av. 24 de Julho, 1-E  
Telef. 2 0846

**Ferragens e Ferramentas**

Louça de Alumínio, Talheres e Cutelarios,  
Balanças, Pesos e Medidas — Assentos para  
cadeiras — Fôrquinhos e Cravo para ferrador,  
Fogões a petróleo, lanternas, Calenteros,  
Massaricos, Ferros e gasolina e todos  
os pertences.

**J. MOURÃO, L. DA**  
44, Trav. Nova de S. Domingos, 50  
Telef. 2 7202 — LISBOA

**Armazéns do Amparo**

SÓCIO GERENTE:

**CARLOS JOSÉ DOS SANTOS**

Fanheiro, Retroseiro, Camisaria, Gra-  
vataria, Meias e Pésuas — Malhas de  
lã e algodão — Fazendas de lã — Sedas

35, R. do Amparo, 37 — Tel. 2 8418  
LISBOA





## No Sport Lisboa e Benfica

Uma bela festa de homenagem e saúde: Aspecto do grande banquete efectuado na penúltima segunda-feira, para homenagear as primeiras equipas de futebol do clube.

Em baixo: Dois grupos de participantes no festival realizado no "rink" de patinagem do Estádio Mayer, em benefício das filiais do popular clube.

